

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**HOMEM IDOSO: VIVÊNCIA DE PAPÉIS DURANTE O CICLO VITAL DA
FAMÍLIA**

IVANILZA ETELVINA DOS SANTOS

RECIFE/2006

IVANILZA ETELVINA DOS SANTOS

**HOMEM IDOSO: VIVÊNCIA DE PAPÉIS DURANTE O CICLO VITAL DA
FAMÍLIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora aprovada pelo mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), inserida na linha de pesquisa Construção da Subjetividade na Família, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof^ª Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

S237h

Santos, Ivanilza Etelvina dos

Homem idoso : vivência de papéis durante o ciclo vital da família / Ivanilza Etelvina dos Santos ; orientadora Cristina Maria de Souza Brito Dias, 2006.

96, [13] f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2006.

1. Psicologia clínica. 2. Envelhecimento - Aspectos Psicológicos. 3. Idosos - Psicologia. 4. Idosos - Relações com a família. I. Título.

CDU 159.922.6

IVANILZA ETELVINA DOS SANTOS

**HOMEM IDOSO: VIVÊNCIA DE PAPÉIS DURANTE
O CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

COMISSÃO EXAMINADORA

**PROFª DRª CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS
ORIENTADORA**

PROFª DRª MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA SANTOS

PROFª DRª ZÉLIA MARIA DE MELO

RECIFE/FEVEREIRO 2006

DEDICATÓRIA

Dedico

Este trabalho aos meus filhos, Rodrigo e Igor,
por serem exemplos de companheirismo e
dedicação conjunta.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha trajetória de vida e por ter possibilitado esta experiência.

Ao incentivo e apoio da minha família, especialmente da minha irmã Zeza que sempre me apoiou e acreditou no meu potencial.

A minha amiga e colaboradora Selma Monteiro sempre disponível, mesmo sendo muito ocupada, que contribuiu com este trabalho na técnica da digitação.

À minha orientadora, pela disposição e competência em corrigir o meu percurso, exigindo, sempre um rigor teórico compatível a um trabalho acadêmico, bem como, por respeitar o meu tempo e o meu ritmo.

Agradeço também aos professores e colegas do mestrado, por apontarem os equívocos iniciais da minha pesquisa.

Ao meu amigo Antonio Francisco que se disponibilizou a fazer o “Abstract”, mesmo não dispondo de tempo.

Ao meu amigo Luiz José pela disponibilidade na correção ortográfica e o carinho demonstrado em contribuir neste percurso.

Enfim, agradeço, imensamente, a todos os idosos que colaboraram com este trabalho.

Não me pergunte sobre a minha idade.
Eu tenho todas as idades. Eu tenho a
Idade da Criança, do Adolescente, do
Adulto e do Idoso.

Cora Coralina

RESUMO

Diante do aumento do número de idosos, na população mundial e brasileira, torna-se importante a realização de estudos e pesquisas na área que apontem formas eficazes de intervenção e que contribuam para nortear os profissionais das ciências humanas e sociais no atendimento e na implantação de serviços e programas voltados para esta população. Este trabalho constitui uma pesquisa realizada na cidade de Paulo Afonso, interior baiano, com seis idosos do sexo masculino participantes do projeto da 3ª idade (Universidade Aberta a 3ª Idade) e seis idosos da comunidade. O objetivo geral foi investigar sua percepção acerca dos papéis vivenciados ao longo do ciclo vital da família. Foram realizadas entrevistas individuais, as quais foram transcritas e analisadas por temas. O estudo mostra a rigidez dos papéis do homem idoso em nossa cultura, iniciando-se com o papel de filho, tio, irmão, marido, provedor do lar e avô. Esses idosos vieram de famílias tradicionais, onde os papéis eram rígidos e hierarquizados, sem abertura para o diálogo. O filho não tinha voz e o pai era provedor, distante, emocionalmente, e não mantinha um relacionamento de afeto, nem de abertura com os filhos e com a esposa. Essa postura fica clara ao longo dos relatos dos entrevistados. Esses idosos estão reproduzindo em seus relacionamentos a mesma dinâmica familiar de sua família de origem. Em ambos os grupos, a hierarquia ficou clara. A diferença se dá na perspectiva e planos futuros entre os idosos participantes do projeto Reviver e os idosos da comunidade. Enquanto os primeiros se mostraram mais otimistas, os da comunidade demonstraram maior comodismo e falta de perspectiva. Notam-se, também, contradições entre os dois grupos: ambos afirmaram que os idosos antigamente eram mais respeitados e queridos, apesar de haver poucas leis protegendo-os; no entanto, em relação a si mesmos, disseram que os jovens os respeitam e que no relacionamento familiar e social atual não têm do que reclamar. Esperamos que este trabalho possa contribuir para os interessados nas questões da velhice bem como para os que lidam com famílias.

Palavras-chave: Idoso, família, papéis, ciclo vital.

ABSTRACT

The more the number of the elderly people, in Brazil and in the world increase, the more important is the achievement of the study and the research in this field which carry out effective ways of intervention which can contribute to drive the human and social sciences professionals in the attendancing and the setting of services and programs which have got this population as their main objective. The present work comes down to a research carried out in Paulo Afonso City, Bahia interland, with six male elderly who take part in the Third Age Project (Third Age Open University) as well as the community six elderly. The general purpose was to look over their perception about the roles experienced along the vital cycle of the family. Individual appointments were achieved, which were transcribed and analysed by topics. The study shows the strictness from the old men's role in our culture, which begins with the son, uncle, brother, husband, home supporter and grandfather. These old people came from traditional families in which the roles were strict and hierarchical, without an opening for dialogues among one another. The son had no active voice in the family while the father was the supporter, emotionally far and without setting any affectionate relationship with wife or children. This behaviour is clearly presented along from the interviewers' reports. These old people have been reproducing the same family dynamics in their general relationship, as they use to do with their own family. In both groups, the hierarchy was clearly presented. The difference is set up in the perspective and future plans between the Reviver Project old people and the community one. As the first ones show themselves more optimistic, the community one show some bigger convenience as well as some lack of perspective. We can also realize some contradictions between the two groups: both groups asserted that beforetime they were more respected and beloved, despite of the few laws protecting them; although, they told that nowadays they have been respected by the young and that they shouldn't cry out against the family and the social relationship as well. We hope that this work may be a contribution to the ones who are interested in the old people affairs as well as to the ones who deal with families affairs.

Key words: elderly, family, roles, vital cycle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. UMA VISÃO HISTÓRICA E CONTEXTUAL DO ENVELHECIMENTO.....	12
2. TEORIAS DO ENVELHECIMENTO.....	22
2.1. Idades Biológicas e Cronológicas.....	27
2.1.1 <u>Perdas fisiológicas</u>	28
2.2. Teorias Sociológicas.....	30
2.2.1. <u>Teoria da atividade</u>	30
2.2.2. <u>Teoria da Continuidade</u>	32
2.2.3. <u>Teoria do Desengajamento ou da Desvinculação</u>	32
2.2.4. <u>Teoria da Modernização</u>	33
2.3. Teorias Psicológicas.....	33
2.3.1. <u>Inteligência</u>	36
2.3.2. <u>Aprendizagem</u>	36
2.3.3. <u>Auto-Imagem</u>	37
Ψ Carl Gustav Jung.....	38
Ψ Daniel Levinson.....	39
Ψ Paul Baltes.....	39
3. FAMÍLIA E ENVELHECIMENTO.....	43
3.1. A velhice retratada em fábulas.....	43
3.2. Família e Ciclo Vital.....	49
3.3. A Família na fase última.....	50
4. O HOMEM CONTEMPORÂNEO.....	55
5. CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO DA PESQUISA.....	66
5.1 Caracterização da cidade de Paulo Afonso.....	66
5.2 Histórico da Cidade Paulo Afonso.....	66
5.3 Características do Município.....	67
5.4. População do Município.....	68
6. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO ESTUDO.....	69
6.1. Objetivos.....	69
<u>Geral:</u>	69
<u>Específicos:</u>	69
6.2. Metodologia.....	69
6.2.1. <u>Participantes</u>	69
6.2.2. <u>Instrumentos</u>	70
6.2.3. <u>Procedimento de coleta de dados</u>	70
6.2.4. <u>Procedimento de análise dos dados</u>	71
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	72
7.1. Análise Geral dos Dados.....	72
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	97

INTRODUÇÃO

Ultimamente, temos visto um maior número de revistas, livros e debates enfocando o tema da velhice, também denominada, metaforicamente, como terceira idade. O que nos chama a atenção são as estatísticas demográficas voltadas a comprovar o grande aumento populacional de idosos no mundo e, especificamente, no Brasil, como um fenômeno novo e assustador. Diríamos que os profissionais especializados estão de certa forma alertando os órgãos governamentais para o impacto sócio-econômico causado pelo grande “boom” de idosos na população. Para termos uma idéia mais clara do porquê desse aumento, necessário se faz voltar no tempo e enumerar as grandes vitórias alcançadas ao nível da medicina e da tecnologia. Outras causas seriam: a redução da natalidade, com a divulgação dos métodos anticoncepcionais e a entrada da mulher no mercado de trabalho, que possibilitaram não só os casais diminuírem o número de filhos, como colaborar para a diminuição da população jovem. A redução da morbidez e da mortalidade, com o avanço de novos medicamentos, vacinas e tecnologias, voltadas a salvar vidas, colaborou para as pessoas viverem mais e, conseqüentemente, aumentar o contingente populacional de idosos. A tecnologia trouxe novas formas de saneamento básico, métodos sanitários e preventivos eficazes, acesso ao transporte, moradia e planejamento urbano, possibilitando uma melhor qualidade de vida ao ser humano.

Todos esses fatores contribuíram, no mundo todo, para o aumento populacional de pessoas entrando e/ou estando na terceira idade. No Brasil, a expectativa de vida em 1940 era de 42 anos; hoje, as estatísticas indicam 67 anos. O crescimento populacional na faixa de zero aos 14 anos, entre 1950 e 1980, foi de 109%, enquanto o dos habitantes com mais de 60 anos foi de 227%. Para se ter uma idéia, a população brasileira na faixa de zero a 14 anos, que, em 1980, representava 38% da população, no fim do século, caiu para 28% do total (ZIMERMAN, 2000). No Brasil, a idade de 60 anos marca o início da velhice, em termos cronológicos, sendo a mesma estabelecida pela Organização das Nações Unidas – (ONU) para os países em desenvolvimento, devido às dificuldades sócio-econômicas dos mesmos (CORREIA, 1996).

Necessária se faz a realização de estudos voltados para subsidiar políticas públicas que atendam à demanda do idoso, possibilitando a sua inserção social e uma nova postura social frente às suas necessidades.

Vários questionamentos vêm à tona, quando paramos para refletir: Como esses idosos chegaram à terceira idade? Que caminhada tiveram? Como se relacionaram com suas famílias? Consigo mesmos? E, principalmente, com os papéis que tiveram de desempenhar ao longo de suas trajetórias?

Procuraremos enfatizar, neste trabalho, as repercussões sociais, psicológicas, afetivas e emocionais sentidas pelos idosos ao longo da sua história e como eles procuraram se adequar às exigências de uma sociedade que, cada vez mais, tende a valorizar a produtividade e a juventude.

Nesta pesquisa, investigamos a percepção dos papéis vivenciados ao longo do ciclo vital da família, na perspectiva do próprio idoso. Nós nos voltamos para os idosos do sexo masculino por serem em menor número, comparados às mulheres; serem menos pesquisados e a literatura não enfatizar muito os aspectos ligados ao sexo masculino.

Quando nos propomos a pesquisar esta camada social e seus papéis vivenciados ao longo do ciclo vital da família, pretendemos contribuir para:

- 1) Proporcionar reflexão sobre a temática da 3ª idade na tentativa de subsidiar projetos de melhoria da qualidade de vida do idoso;
- 2) Criar mecanismos de intervenção nas políticas públicas e sociais, por intermédio de dados científicos na presente pesquisa;
- 3) Estimular a pesquisa sobre preconceitos e comportamentos sociais discriminatórios e formas de intervenção social e educação continuada à população sobre o tema;
- 4) Esclarecer a população, por intermédio de um projeto de ação comunitária, sobre os vários tipos de envelhecimentos, entre eles o social;
- 5) Estabelecer critérios de atuação social, a fim de formar uma cultura de inclusão social e valorização do papel do idoso em nossa sociedade contemporânea.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: No primeiro capítulo, fazemos um apanhado histórico e contextual do envelhecimento. Verificamos, ainda, como em várias culturas os idosos eram tratados e, no processo civilizatório, como conquistaram seu lugar ao longo do tempo, até a contemporaneidade. No segundo capítulo, falamos sobre as teorias do

envelhecimento, enfatizando as teorias sociais e psicológicas, após uma abordagem rápida dos déficits fisiológicos usuais próprios do envelhecimento. Conceituamos também o que é gerontologia, geriatria, senilidade e senescência. No terceiro capítulo, falamos da família e como se define o envelhecimento e enfocamos a teoria do ciclo vital, refletindo sobre a situação do idoso no último ciclo. Abordaremos, no quarto capítulo, as questões sobre gênero. No quinto capítulo, contextualizamos o cenário da pesquisa com os dados de Paulo Afonso, cidade onde foi realizada a pesquisa. No sexto capítulo, colocamos os objetivos e a metodologia do estudo. No sétimo, apresentamos os resultados e a discussão dos mesmos, para, em seguida, concluirmos trazendo nossas reflexões e apontamentos sobre a pesquisa realizada.

1. UMA VISÃO HISTÓRICA E CONTEXTUAL DO ENVELHECIMENTO

Segundo Moragas (1997), no início de nossa civilização, quando o homem não tinha desenvolvido a técnica da agricultura e era nômade, o idoso que não acompanhasse o grupo, em sua peregrinação em busca de melhores lugares para sobreviver, era esquecido e abandonado ao longo do trajeto. O filho primogênito tinha o direito de decidir como seus pais iriam morrer (se de abandono numa mata, se envenenados ou empurrados de um penhasco).

No processo de evolução civilizatório, os idosos procuraram se fazer necessários e criaram formas de valorização do seu papel através da produção e transmissão de conhecimentos, ensinando às novas gerações formas de pesca, táticas de guerra, utilização de plantas medicinais, fases da lua e climas melhores, para o plantio e a colheita e como tratar a terra. Até hoje, em algumas comunidades pré-industrializadas e indígenas, os idosos têm papel de destaque e desempenham funções valorizadas, socialmente, como conselheiros, mestres, feiticeiros, caciques.

Inúmeros estudos sobre atitudes concluem que, em sociedades agrárias simples, as atitudes em relação aos velhos são mais favoráveis do que em sociedades industriais desenvolvidas. Nas primeiras, o valor do conselho e a experiência são mais importantes que nas modernas, em que predominam valores como a inovação, a iniciativa e a mudança (MORAGAS, 1997, p. 107).

O teólogo da Ordem Camiliana, Hubert Lepargneur (1997, p. 247), em seu artigo intitulado “A terceira idade ontem, hoje, amanhã”, afirma:

Nas civilizações antigas, o ancião era geralmente respeitado por ele mesmo, pelo que tinha sofrido e trabalhado durante muitos anos, e por representar a tradição, o saber individual e coletivo, capitalizado, o “know-how” da tribo, a sabedoria que uma geração tem de transmitir à seguinte para formar uma família, uma etnia, uma nação, uma religião. Os anciões da África negra e da Ásia do sudeste são geralmente respeitados não apenas em razão de sua experiência, mas também em razão de sua maior proximidade futura com os antepassados defuntos.

Uchoa (2003), quando escreve sobre os aspectos antropológicos do envelhecimento cita Coren, (1985) e Debert (1999), para afirmar que: delimitado, inicialmente, a partir de sua dimensão biológica, o envelhecimento foi associado à deterioração do corpo e, em consequência, tratado como uma etapa da vida caracterizada pelo declínio. Formou-se, assim, uma visão decadente do envelhecimento. No entanto estudos e pesquisas realizadas em sociedades pré-industrializadas ou agrárias tornaram conhecidas experiências bem sucedidas de envelhecimento, questionando a visão ocidental universalista da deterioração e perda nesta fase da vida. A autora também cita Evans-Pritchard (1989), que realizou estudo sobre os Nuer, grupo étnico do Sudão. Segundo este autor, a entrada na adolescência, para o Nuer do sexo masculino, é marcada por um ritual de iniciação que define sua inserção em uma classe de idade que determina seu estatuto de superioridade, igualdade ou inferioridade frente aos outros Nuer. Os membros de uma classe de idade devem respeito aos da classe anterior, que é composta por pessoas mais velhas e, portanto, superiores na hierarquia social. Este respeito e deferência transparecem em todas as dimensões da vida social.

Uchoa (2003), segue seu raciocínio enfatizando uma experiência realizada, anteriormente, com os Bambara que consideram a velhice uma conquista. Para eles, o envelhecimento é concebido como um processo de crescimento que ensina, enriquece e enobrece o ser humano. Ser velho significa conhecimento acumulado e ter conquistado, através destas experiências, um lugar socialmente valorizado. Os Bambara constituem um exemplo atual da situação privilegiada dos idosos em algumas sociedades africanas. Para os Bambara, a idade é um elemento determinante da posição de cada indivíduo na sociedade. Toda a vida social é organizada, segundo o princípio da senioridade. Considera-se que os mais velhos estão mais próximos dos ancestrais e, por esta razão, detêm a autoridade. Respeito e submissão marcam o conjunto de atitudes e comportamentos dos mais jovens para com os mais velhos.

Continuando suas reflexões, afirma que à medida que se documentou o processo do envelhecimento em diferentes culturas e que se constatou a diversidade de formas de envelhecer, a velhice e o envelhecimento deixaram de ser encarados como fatos naturais, para serem encarados como fenômenos, profundamente, influenciados pela cultura (UCHOA, 2003).

Admite-se a interferência dos fatores extrínsecos, influenciando no processo do envelhecimento, como dieta, sedentarismo e causas psicossociais. Deve-se, também, levar em

consideração os efeitos benéficos dos exercícios físicos, moderação na ingestão de bebidas alcoólicas, a cessação do hábito de fumar, dieta adequada e uma boa qualidade de vida.

No princípio deste século se denominava ancião um homem de 50 anos, hoje, falamos de 65 e, nos próximos cem anos, a consideração cronológica de velhice se alterará várias vezes, segundo a esperança de vida continuem em ascensão e os avanços das ciências da saúde e sociais atinjam um envelhecimento saudável (FERNANDES-BALLESTEROS; FRESNEDA; MARTINEX; ZAMARRON, 1999, p. 15) (citação traduzida pela autora).

A autora cita Geertz (1973), para definir cultura como sendo um universo de significados que permite aos indivíduos de um grupo interpretar sua experiência e guiar suas ações. Uma abordagem interpretativa do envelhecimento focaliza a interação entre parâmetros culturais, traços individuais e marcadores biológicos na construção de maneiras típicas de envelhecer e viver o envelhecimento.

Ecléa Bosi (1987), em seu livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos” começa instigando o leitor a questionar: Como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem? Sua resposta é radical (...): Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem.

Esse questionamento da autora nos remete às seguintes reflexões: Como nossa sociedade nos trata? Quais os valores dominantes? O que é valorizado? Como estão construídos nossos laços afetivos e familiares? Claro que não nos cabe aqui refletir sobre todos esses aspectos, mas quando analisamos a questão do idoso, vemos que a sociedade reflete e perpetua uma prática e maneira de se relacionar desde que esse homem nasceu, isto é, não foi respeitada a criança, o jovem, o homem que, chegando à velhice, também não é respeitado. Para que a sociedade trate o idoso como homem, seria necessário esse exercício constante, desde seu nascimento.

No entanto com a chegada da tecnologia, a memória viva foi dispensada e o idoso voltou a ser excluído e marginalizado. Assim, fica diluído seu papel de cidadão e conquistador de uma identidade própria, valorizada pelo esforço pessoal de sobreviver com dignidade, criando sua família e contribuindo de forma efetiva para a formação histórica de seu país.

Sabemos da grande mudança sofrida no seio da família, não só em nível de números de membros, como no próprio relacionamento e contexto cultural em que ocorrem essas

interações. Sempre falamos na crise de adolescência e nunca paramos para refletir sobre a crise de identidade deflagrada com o envelhecimento.

Lepargneur (1997, p. 247), ainda coloca em seu artigo:

Outrora o novo era objeto de suspeita, por não ter sido testado pelo tempo. A rapidez da evolução tecnocientífica inverteu brutalmente estas valorações das épocas da vida. Com as inevitáveis exceções, tais como a museologia, a paleontologia ou a arqueologia, disciplinas cujos objetos têm precisamente seu valor do passado, a novidade costuma agora empurrar o menos novo no monturo das coisas que perderam utilidade. (Dramático erro para muitos livros). Vivemos na época do descartável.

Moragas (1997, p. 67), por sua vez, ressalta:

Entretanto, numa sociedade em transformação, enfatiza-se que as situações contemporâneas pouco têm a ver com as do passado e que, portanto, a experiência anterior serve pouco para resolver os problemas do presente.

Os avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas trouxeram inovações em toda área do conhecimento, além de produtos e serviços voltados à preservação do consumo, do culto ao corpo e da inserção do homem em novas crenças, valores e paradigmas, criando uma cultura e uma divisão entre a modernidade e o contemporâneo.

Nesse âmbito psíquico, o mundo não se descreve somente por coisas vistas, ouvidas ou tocadas, mas é apreendido por percepções imediatas, globalizantes, que ocorrem através dos afetos de vitalidade, das percepções sutis e de contornos intensivos. Formas que se dizem conforme níveis afetivos. O que é objeto de introjeção é um jeito: o tom de voz, a angústia, a tranquilidade, o prazer, o medo, a raiva, na infinidade de afetos e vibrações que deixaram e deixam marcas, as quais se oferecem como um manancial para toda a vida, modelando o corpo expressivo, a gestualidade, um jeito de ser, estar e se relacionar com o mundo. (FORTES, 2004, p. 129).

Em algumas sociedades urbanas, o idoso é destituído do seu “status” de pai, quando o filho independente não mais o consulta, senta em seu lugar à mesa, conquista espaço e não o convida a participar; é aposentado sem ser considerada sua opinião – o excluem de um ambiente de trabalho, palco de conquistas e realizações de muitos anos; é excluído de opinar

nos problemas familiares por desculpas de não quererem preocupá-lo. Para alguns, restam caminhos desviantes como o alcoolismo, os distúrbios de comportamento, o suicídio ou o mutismo.

Na zona rural, constatamos que a conquista da aposentadoria e dos benefícios trouxeram “status” a alguns idosos que não se afastam dos seus afazeres e podem contar com uma renda certa no final do mês. A família é beneficiada e o idoso continua com seu papel de provedor e chefe de família. A hierarquia é mantida e o idoso não deixa de ser inserido nas atividades familiares nem comunitárias.

As formas de subjetivação e as maneiras como o sujeito se constituem sofrem a influência direta dos esquemas que ele encontra na cultura, isto é, que lhe são propostos, sugeridos e impostos pela sociedade e pelos grupos sociais de que participa. Os sujeitos vivem em função e sofrem a ação dos dispositivos de saber, de verdade e de poder. (MAIA, 2004, p. 137).

De acordo com Foucault (1982), existem dois tipos de sujeito: o sujeito submetido a outro por controle e dependência e o sujeito ligado à própria identidade pela consciência ou conhecimento de si.

Para alguns idosos, a única forma de reagir é a passividade aparente, o acomodar-se a uma situação como uma forma de sobreviver, não deixando de, ao seu modo, reagir. Assim, ele reage como pode: excluindo-se, silenciando, adoecendo. Não é à toa que, após a aposentadoria, os índices de enfermidades aumentam e muitos idosos relatam: Quando estava trabalhando não tinha nem tempo de adoecer. Será que não tinha tempo ou seu sentimento de inserção não deixou espaço para a somatização? O corpo fala e muitas vezes grita o que não quer calar.

... Muitas vezes o idoso absorve a ideologia voraz do lucro e da eficácia e repete: É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços... Para que serve um velho, só para dar trabalho... (BOSI, 1987, p. 34).

O presente trabalho enfoca o idoso na zona urbana, já que os entrevistados residem na cidade. Analisaremos, nesse contexto, o quanto ele absorve a ideologia reinante e se coloca como inútil e um estorvo. Assim, ele o comportamento dos que o cercam com sua proteção excludente, sua tolerância intimista e seu ouvir distante. Veste-se da roupagem do peso e de problema para o mais jovem e desiste de lutar por seu lugar de cidadão, independente da idade.

Na sociedade capitalista, o idoso é solicitado a cuidar dos filhos diante das dificuldades destes para entrarem no mercado de trabalho; cuida dos netos dando suporte para os filhos poderem trabalhar; participa de atividades voluntárias. Apesar disto, ele não é reconhecido por não estar recebendo, financeiramente ao desempenhar estas tarefas.

Em sociedades pré-industrializadas, o idoso tinha e, em algumas, ainda tem seu lugar de destaque. Seu ofício é aprendido pelos jovens e perpetuado com orgulho o trabalho passado de pai para filho. Nossa sociedade atual e aqui nos referimos aos grandes centros urbanos, caracterizada pela rapidez e pelo domínio tecnológico, descarta o idoso como uma peça obsoleta e sem significado.

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta, pode preparar os canteiros e semear um jardim. Seu filho continuará a obra. (BOSI, 1987, p.35).

Foucault (1976, p. 29), afirma que somos submetidos ao poder, através da produção da verdade, verdade que funciona como norma: somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver e de morrer em função da articulação entre discursos verdadeiros e efeitos específicos de poder.

Em “O Mal estar na civilização” (1930/1976), Freud sinaliza para uma das fontes do sofrimento humano: a inadequação às normas que regulam os vínculos entre os homens na família, no Estado e na sociedade.

O idoso muitas vezes, após a aposentadoria, emudece e recusa-se a qualquer diálogo. No entanto, quando observamos melhor, percebemos que esse comportamento é uma forma resistente de subjetivação, da qual nada nem ninguém jamais poderão removê-lo. Usando e abusando do seu “silêncio”, ele corta toda demanda vinda do outro. Será que ele expressa uma vontade do nada? Ao contrário, da força de firmar-se como ser surge o direito de viver imóvel, em “uma pura passividade”. “Se os processos de subjetivação são, antes de tudo, modos de vida que se criam, traz em seu bojo uma decisão que envolve a vida dos indivíduos e das sociedades”. (JÚNIOR, 2004, p. 12).

Debord (1967, p. 18), assinala que uma das características da “*sociedade do espetáculo*” é não haver nela espaço para o diálogo. Ao espetáculo, cabe a função de “fazer

ver”, de parecer e aparecer, constituindo-se não como uma troca efetiva entre os seus participantes – o que faria dessa produção uma atividade que cria laço social entre os homens – e sim como uma representação independente cuja finalidade é o exibicionismo.

Os processos de subjetivação são o domínio que preparam para encontros onde não somos esperados, ou inversamente, eles são o domínio da espera daqueles encontros para os quais estivemos nos preparando. (CARDOSO JÚNIOR, 2002, p. 190).

Os idosos não conseguem entrar neste contexto. Eles são a face do que o outro não quer ver. Eles expressam a finitude, a decadência narcísica do belo, a fragilidade de nossas vidas, o incerto. O que essa sociedade pode fazer por eles? Ela encontra-se perdida, agarrando-se ao consumo, ao prazer imediato, ao ter para sentir a ilusão do existir. O idoso contradiz essa lógica e faz ver a temporaneidade, a superficialidade dos conceitos e dogmas sociais que sustentam “a sociedade do espetáculo”. Resta ao idoso o isolamento e sua voz se cala, até porque não tem ninguém para ouvi-la. Ele é descartado por não atender a essa ideologia. Sua única forma de existir, durante muitos anos, foi através do silêncio, silêncio marcado pelo sofrimento. Na contemporaneidade, ele começa a se expressar, até por que o que se cala, através da opressão, um dia vem à tona como um sussurro que incomoda e denuncia.

A sociedade que incentiva a iniciativa individual encoraja, nesse sentido, as práticas de modificação de si como uma regra a seguir e, ao mesmo tempo, não vê com bons olhos a diversidade, ou imediatamente a captura, transformando-a em mais uma norma. (JÚNIOR, 2004, p. 53).

Observamos que, na atualidade, as novas formas de subjetivação vêm associadas a uma negação do sofrimento acompanhada de uma busca constante da felicidade (característica do homem atual – o imperativo de ter prazer e evitar o sofrimento). A subjetividade atual se caracteriza pelo hedonismo, pelo dever de ser feliz – uma felicidade que nunca chega. O indivíduo nega a dor (algo a ser evitado), tanto em relação a si mesmo, quanto na relação com o outro. Esse modo de se relacionar com a dor é uma marca do nosso tempo. Assim descrevem a contemporaneidade Christopher Lasch (1978), e Guy Debord (1967). Para eles trata-se da vitória do individualismo em parceria com o consumo e com a demanda incessante de prazer.

Júnior (2004, p.71), assinala “O sujeito de hoje se organiza no eixo individualismo-hedonismo, segundo o qual o estilo sofredor de ser não se encaixa nos moldes de exaltação do eu e de exibicionismo”.

Os idosos de hoje vieram de uma época da razão universal e de um projeto iluminista, que se baseavam na razão, na ciência e na religião. Hoje não se concebe mais uma razão universal. A ciência não é mais a salvadora da humanidade e Deus não é mais nosso amparo, nem esperança.

Essa descrença nesses valores da sociedade tradicional provocou uma ausência da figura simbólica do pai na cultura e conduziu a um sentimento de desproteção e a uma carência de laços sociais, gerando um sentimento de solidão, vista como uma solidão que joga o sujeito em um deserto afetivo. (BIRMAN, 2000).

Se o sujeito atual encontra-se imerso nesse deserto, imaginemos os idosos que, além de estarem inseridos nesse contexto, vieram de uma época com valores opostos e entraram nessa cultura sem entender como, nem o que a gerou. Encontram-se “solitários” entre os “solitários”. Tentam sobreviver com uma dignidade que busca encontrar seu suporte em antigos valores, hoje exorcizados do meio cultural.

A grande aflição do sujeito da cultura atual é antes estar sob o impacto da falta de um sentido para a vida, da impossibilidade de construir projetos para o futuro, da porosidade dos limites da ordem social, da fragilidade das figuras de autoridade e do enfraquecimento dos laços com o outro. Um certo desencanto, portanto, faz parte do cenário subjetivo da contemporaneidade (JÚNIOR, 2004, p. 74).

Sendo essa a perspectiva da atualidade, como podemos criar esperança de plena inclusão para o idoso? Esse sujeito que é negado sendo-lhe projetado o lado sombrio do existir? Geralmente, coloca-se que o idoso não tem futuro, projetos e que sua vida já se foi. Sua figura de dependência e fragilidade destoa da sociedade do espetáculo que quer afastar essa imagem criando a ilusão do belo, do consumo e do prazer imediato e permanente. Os laços afetivos estão enfraquecidos, justamente na época em que esses idosos mais precisam de contato e valorização. E a sociedade do espetáculo exclui o que não quer ver nem lhe convém sem o menor pudor; simplesmente os descarta para os lugares criados para esse fim – as instituições de longa permanência.

A história encontra-se repleta de personalidades idosas ilustres que realizaram suas grandes obras na terceira idade: Kant escreveu “Do juízo” aos 66 anos; Platão escreveu seus diálogos após os 62 anos, “O Sofista”, e o “Filebe” aos 74 anos; Giovanni Bellini pintou São Zacharias e o Doge Loredano aos 80 anos; Agatha Christie, aos 80 anos, contabilizava 80 livros de sucesso; Madre Teresa de Calcutá, até onde pôde, defendeu os pobres, mesmo carregando o peso da idade. Seguindo a história, temos uma lista interminável de grandes personalidades que realizaram suas maiores façanhas após 50 anos e até muito depois, inclusive em relatos Bíblicos.

Não precisamos nos fixar na história para citar idosos valorizados socialmente e produtivos, mesmo que a mídia não ressalte este aspecto nem a sociedade tenha o hábito de valorizar, tais como: Ariano Suassuna, Miguel Arraes, o saudoso Dom Helder Câmara, Ruth Barcelar, Tônia Carreiro, Chico Anísio, Renato Aragão e muitos outros de nossa sociedade.

A noção ultrapassada de que as pessoas devem ser aposentadas de sua ocupação aos 65 anos é uma ressaca dos dias da caleça¹ e uma vergonha para qualquer nação que se preze em progredir. O padrão de 65 anos para a idade da aposentadoria compulsória foi adotado, em 1870, pelo Sistema da Aposentadoria Ferroviária e, em 1937, pelo Sistema de Seguridade Social. Desde 1900, nossa expectativa de vida aumentou de uns 20 anos, de sorte que um homem ou mulher de 65 de hoje não pode ser considerado logicamente pronto para a cadeira de balanço ou o agente funerário. Todavia, continuamos a forçar as pessoas a aposentar-se quando, em muitos casos, se encontram no auge de sua serventia (CARNEGIE, 1990, p. 181).

A adequada inserção social para o idoso passa primeiro pelo impacto demográfico, causado com o seu aumento na população geral; segundo, pela consciência e sensibilidade dos profissionais da área, informando aos governantes a necessidade de políticas públicas voltadas a esta nova demanda; terceiro, seria pelo próprio grupo da terceira idade se mobilizar e se fazer presente, através da participação popular nos movimentos sociais e no voto. Acontecimento marcante se deu quando da retirada pelo governo do aumento de 147%, quando os aposentados foram às ruas reivindicar seus direitos. A partir desse fato tornou-se visível o número de idosos e a necessidade urgente de políticas públicas e a normalização de

¹ Caleça – s. f. Carruagem antiga, própria para viagem. Dicionário Brasileiro Globo. Francisco Fernandes; Celso Pedro Luft; F. Marques Guimarães. 34 ed. Editora Globo, SP, 1993.

direitos. Já existiam leis beneficiando o idoso, mas, a partir daí, passaram a ser efetivamente postas em prática.

Apesar de tudo, um novo cenário se concretiza para os idosos através das conquistas de direitos, a saber: Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842/94, Política Nacional de Saúde do Idoso, Portaria nº 1.395/99, Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/03 e as leis municipais que efetivam estas conquistas, além dos próprios movimentos voltados à terceira idade e o surgimento de profissionais especializados na área que trabalham conscientizando-os de seu papel social e trazendo uma nova postura de inclusão social para essa classe.

No próximo capítulo, deter-nos-emos nas teorias que buscam explicar o envelhecimento humano.

2. TEORIAS DO ENVELHECIMENTO

Quando nos propomos a falar sobre envelhecimento, sempre nos questionamos como se processa esse fenômeno. Sabemos que todos os seres vivos têm seu ciclo de vida culminando, em um determinado momento, com a morte. Nos seres humanos esses ciclos são mais complexos devido a fatores biopsicossociais. Neste trabalho, citaremos alguns fatores sociais e psicológicos, já que nossa proposta de estudo se detém nos aspectos perceptuais significando que, na construção da subjetividade, a cultura e a educação têm mais influência do que os aspectos biológicos. Por isso, excluiremos as teorias biológicas do envelhecimento. Antes de adentrarmos nas teorias, definiremos alguns termos relacionados ao envelhecimento:

Gerontologia é um termo criado por Metcknicoff, em 1903, para designar a especialidade que estudava o processo fisiológico do envelhecimento. A palavra “gerontologia” origina-se do grego: “gero” (velho) e “logia” (estudo) conhecimento.

Em 1909 Nascher, introduziu na literatura médica o termo Geriatria, que é o estudo clínico da velhice. Portanto, a geriatria é a parte da gerontologia que estuda os aspectos patológicos da velhice.

Senescência significa que há existência de um lento e progressivo declínio físico e mental que, na medida do possível, não afeta o funcionamento normal do organismo, intensificando-se com o aumento da idade.

Segundo Salgado (1991, p. 8), a senescência é:

Como uma etapa posterior e mais avançada ao envelhecimento, caracterizada por mudanças incapacitantes e comprometedoras, capazes de afetar decisivamente a estabilidade e a própria vida do indivíduo. Envelhecimento passa a ser considerado como o tempo de vida humano em que o organismo sofre modificações de declínio em sua força, disposição e aparência, mas que não incapacitam ou comprometem o processo vital.

Senilidade é o declínio físico associado a distúrbios mentais, caracterizando-se por perdas funcionais e cognitivas mais severas, comprometendo a adaptabilidade e o funcionamento do organismo humano.

Para Néri (2001, p. 31), a normalidade na velhice significa a ocorrência de alterações típicas e inevitáveis do envelhecimento. Já as doenças, a disfuncionalidade e a descontinuidade do desenvolvimento são típicos do envelhecimento patológico. A velhice ótima é referenciada a um ideal sócio-cultural de excelente qualidade de vida e manifesta-se por baixo risco de doenças e incapacidade, excelente funcionalidade física e mental e engajamento ativo na vida.

Nas sociedades modernas, a idade é um conceito construído socialmente e não um conceito biológico ou psicológico. As fases como: a infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice são regidas por normas reguladoras que determinam os comportamentos de cada segmento etário.

Néri (2001, p. 19), enfatiza: “A sociedade constrói cursos de vida na medida em que prescreve expectativas e normas de comportamentos apropriados para as diferentes faixas etárias, diante de eventos marcadores de natureza biológica e social, e na medida em que essas normas são internalizadas pelas pessoas e instituições sócias”.

E, continua, com muita propriedade, refletindo sobre as fases da vida diante da sociedade: alguns eventos ocorrem em épocas previsíveis, como, por exemplo, a menarca, o climatério, o ingresso na escola primária, o direito de votar, o serviço militar, a entrada no mercado de trabalho. Outros comportam variações, mas, ainda assim, são relativamente previsíveis, como acontece com o casamento, o nascimento do primeiro filho e a aposentadoria.

Em nossa sociedade, a palavra envelhecimento evoca, geralmente, desgaste físico e mudanças desagradáveis na aparência humana.

Oliveira (1999, p. 44), descreve o peso social dessas transformações na vida do indivíduo:

Do ponto de vista biológico, a percepção do envelhecimento, muitas vezes, perturba os indivíduos quando estes se deparam com cabelos grisalhos, as primeiras rugas ou a pele mais ressecada. Esse impacto na imagem desperta uma busca no sentido da conservação da aparência da juventude, recorrendo à tintura para os cabelos, cosméticos para a pele e outros produtos que acenem a milagres ou disfarces para garantir ou resgatar a beleza da juventude.

A literatura sobre o envelhecimento tem enfatizado o processo de desgaste natural do organismo humano até chegar a sinais visíveis que a idade cronológica apresenta.

Deste modo, o ser humano iniciaria seu processo de envelhecimento desde o nascimento, sendo o contínuo, passando por fases características como a infância, adolescência, a idade madura e o envelhecimento.

Assim, o envelhecimento inicia-se por um processo de mutações biológicas, apresentando desgaste físico, fruto da acumulação de vários anos de desgaste. Salienta-se que o desgaste varia de indivíduo para indivíduo e até de cultura para cultura.

O aspecto biológico enfatiza a suscetibilidade às enfermidades ou funções limitantes relacionadas com o acúmulo de desgastes. No entanto, não podemos esquecer os vários fatores que interferem: estilo de vida, vícios, má nutrição, exposição inadequada a ambientes insalubres, “stress”, doenças incapacitantes. Por isso, é necessário analisar esses fatores tendo em vista as condições naturais ou patológicas do processo vital.

Os fatores que contribuem para o envelhecimento biológico, além de serem múltiplos e variados, variam quanto à velocidade em que surgem nos diferentes organismos.

Os diferentes ritmos de envelhecimento de diversos organismos se comprovam pelo envelhecimento desigual dos diferentes aparelhos e sistemas orgânicos. Sendo assim, uma pessoa pode apresentar problemas ortopédicos e seu sistema circulatório estar bem; uns podem apresentar a pele bastante enrugada, mas seu aparelho digestivo estar bem conservado.

A gerontologia considera o processo de envelhecimento como aquele que começa ao nascer e varia de acordo com cada órgão, parte e sistema do corpo de um indivíduo para outro (OLIVEIRA, 1999, p. 47).

O processo do envelhecimento na vida dos indivíduos permanece, ainda, como um dos pontos mais complexos, obscuros e críticos para a ciência, apesar dos grandes esforços que vêm sendo feitos, especialmente desde a segunda metade do século XX. Não se descobriu, até o presente momento, como ele se desenvolve e evolui nos diferentes órgãos, tecidos e células do organismo como um todo, especialmente, quais os mecanismos que o desencadeiam ou que possam retardá-lo, já que o processo não se faz de uma maneira uniforme. Existem evidências de que o processo do envelhecimento seja, em sua essência, de natureza multifatorial, dependente da programação genética e das alterações que vão ocorrendo em nível celular e molecular, que resultarão em sua aceleração ou desaceleração, com redução de massa celular ativa, diminuição da capacidade funcional das áreas afetadas e sobrecarga, em menor ou maior grau, dos mecanismos de controle homeostático.

O sistema nervoso central (SNC) é o sistema biológico mais comprometido com o processo do envelhecimento, pois é o responsável pela vida de relação (sensações, movimentos, funções psíquicas, entre outros) e pela vida vegetativa (funções biológicas internas).

Segundo Netto (2002), sinais de deficiências funcionais vão aparecendo, de maneira discreta, no decorrer da vida de um indivíduo que envelhece, sem comprometerem a sua vida de relação, suas atividades pessoais, gerenciais, executivas, etc., o que pode ser considerado como envelhecimento saudável (senescência): apesar de existirem danos, a sua intensidade é muito menor. Não podemos esquecer os fatores que influenciam este processo: hábitos pessoais como dieta, exercício, exposições ambientais e constituição física.

Portanto, a grande variedade no processo do envelhecimento e os vários fatores que interferem como grupo social, profissão, cultura, atividade que desenvolve, valor que lhe é atribuído, dificulta a indicação precisa da idade cronológica inicial da velhice.

O envelhecimento normal divide-se em:

- bem-sucedido – no qual os indivíduos têm uma perda mínima, em uma função específica, e mantêm um padrão fisiológico plenamente satisfatório com o avançar dos anos (síndrome do envelhecimento puro).
- usual – os indivíduos têm prejuízos significativos, mas, apesar de não estarem doentes carregam um grande potencial para manifestar doenças ou incapacidades. Ao mesmo tempo, têm possibilidade de melhorar essas perdas funcionais e, portanto, reduzir os riscos de resultados adversos.

Netto (2002), segue descrevendo o envelhecimento patológico (senilidade) e afirma que se dá quando esses mesmos danos ocorrem em uma intensidade muito maior, levando a deficiência funcional marcante e, seguramente, a alterações das funções nobres do SNC. Ele atinge, especialmente, as funções relacionadas com a capacidade intelectual do indivíduo. As alterações da atenção, memória, raciocínio e juízo crítico, a fala e outras formas de comunicação são comprometidas progressiva e seriamente. Isto afeta de maneira global a sua vida de relação, a afetividade, a personalidade e a conduta do idoso. Assim, ele estará mais

susceptível a perturbações mentais, por apresentar mais sintomas depressivos, mais ansiedade, menor auto-estima e menor capacidade de controlar muitos aspectos de sua vida.

Deve-se ter em mente que, com o envelhecimento populacional, a prevalência de inúmeras doenças crônicas aumentará com a idade, e, também, que o idoso poderá ser, muitas vezes, portador de várias dessas doenças crônicas (diabetes, artrite reumática, câncer, doenças cardio e cérebro-vasculares, pneumopáticas, entre outras).

O processo de envelhecimento tem demonstrado declínios no funcionamento de vários órgãos, entre eles: a visão, a audição, o desempenho cognitivo e comportamental. A atividade do sistema nervoso, a pressão sanguínea, a função pulmonar, a função renal, a função imunológica e a densidade óssea são reflexos do processo do envelhecimento não patológico.

Não há controvérsia quanto ao envelhecimento dos organismos vivos. A partir da observação da realidade, é possível constatar este fenômeno.

Os organismos vivos são sistemas interativos de subsistemas e, portanto, complexos, hierárquicos e não-lineares.

As várias teorias explicativas relativas ao processo do envelhecimento encontram dificuldades para serem comprovadas. Citaremos abaixo os principais pontos que dificultam validar as hipóteses:

1. A testagem da maioria das teorias demanda um grande suporte financeiro, muito tempo para sua execução e técnicas sofisticadas, sendo que muitas delas ainda não foram desenvolvidas;
2. A dificuldade para estabelecer um conceito claro sobre o próprio processo do envelhecimento;
3. As teorias são ainda muito recentes e pouco discutidas;
4. O pequeno número de cientistas envolvidos na investigação do processo do envelhecimento contribui para pouca discussão e pesquisa;
5. O estudo do envelhecimento humano é influenciado pelo contexto cultural das populações envolvidas;
6. Mesmo causando curiosidade, a pesquisa sobre o envelhecimento é cara e não há muitos órgãos científicos interessados em publicar suas descobertas;

7. Por ser uma área relativamente nova na pesquisa, se faz necessário a formação de equipes multidisciplinares e interdisciplinares o que dificulta mais ainda a formação de equipes que se dediquem a esta área de investigação.

2.1. Idades Biológicas e Cronológicas

Discute-se até hoje se o envelhecimento tem início logo após a concepção, no final da terceira década da vida ou próximo do final da existência do indivíduo. Este aspecto, associado à inexistência de marcadores biofisiológicos eficazes e confiáveis do processo de envelhecimento, justificam a dificuldade de definir a idade biológica.

Matheus Papaléo Netto (2002, pág. 10), ressalta:

Pode-se considerar o envelhecimento, como admite a maioria dos biogerontologistas, como a fase de um continuum que é a vida, começando esta com a concepção e terminando com a morte. Ao longo desse continuum é possível observar fases de desenvolvimento, puberdade maturidade, entre as quais podem ser identificados marcadores biofisiológicos, que representam limites de transição entre as mesmas. O exemplo é a menarca como marcador do início da puberdade na mulher.

A demarcação entre a maturidade e o envelhecimento é fixada mais por fatores socioeconômicos e legais do que biológicos.

A dificuldade para mensurar o fenômeno do envelhecimento justifica a falta de segurança, para adotar quaisquer das teorias existentes sobre o fenômeno. Os mesmos motivos justificam a inexistência de uma definição de envelhecimento que atenda aos múltiplos aspectos que o compõem. Dentro de uma visão biogerontológica, Papaléo Netto (1996), conceitua o envelhecimento como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade da adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. Citando Comfort (1979), o envelhecimento se caracteriza por redução da capacidade de adaptação homeostática, perante situações de sobrecarga funcional do organismo.

Abordaremos, neste trabalho, algumas perdas fisiológicas sem, no entanto, nos determos nas várias teorias biológicas do envelhecimento. Detalharemos algumas teorias sociológicas e psicológicas, tendo em vista o objetivo do presente trabalho.

2.1.1 Perdas fisiológicas

Netto (2002), enfatiza que no processo do envelhecimento vão ocorrendo deficiências discretas, sem comprometerem as atividades pessoais, apesar de existirem danos. Já colocamos neste trabalho que os órgãos não envelhecem de uma maneira linear, isto é, uniforme. Cada um tem seu ritmo e tempo próprio.

Visão – Como muitos aspectos do declínio relacionado à idade, as mudanças, geralmente, começam na idade adulta jovem. Um problema comum é o declínio na acomodação (a capacidade de focar diferentes distâncias), caracterizada pela dificuldade de enxergar de perto. Perda da acuidade (capacidade de enxergar os objetos claramente à distância ou a capacidade de focar detalhes). As pessoas mais velhas são mais lentas para processar os estímulos visuais e precisam enxergá-los por mais tempo. O tamanho do campo visual também diminui – o idoso não consegue mover o globo ocular para cima tão bem quanto os jovens. Precisa mover a cabeça para cobrir o campo visual.

Audição – A audição diminui, gradualmente, durante a vida adulta. O ritmo de perda auditiva pode ser exacerbado por condições ambientais.

Alterações: as orelhas aumentam vários milímetros em tamanho. O significado funcional disso não está claro. O canal auditivo envelhecido fica bloqueado com cera mais, facilmente, causando uma perda auditiva, que, em geral, é de fácil tratamento. Os ossos do ouvido médio tendem a enrijecer com a idade, por calcificação ou artrite. Isso afeta a transmissão do som. A vida em um ambiente barulhento tende a danificar bastante os detectores de alta frequência do ouvido interno. A localização do som (a capacidade de detectar de onde vem um som) fica prejudicada; A perda da capacidade de escutar sons faz com que o mundo soe “abafado”, torna a compreensão da fala (especialmente as conversas) muito difícil.

Paladar – os sabores que o ser humano percebe podem ser divididos em quatro tipos: amargo, azedo, salgado e doce. Embora haja um declínio geral relacionado à idade, existe uma considerável variabilidade entre os indivíduos.

Olfato – o sentido associado ao olfato parece mudar relativamente pouco em velhos bastante saudáveis, porém os idosos, geralmente, apresentam patologias que afetam o olfato.

Tato – adultos mais velhos apresentam sensibilidade à temperatura dos objetos retardadas, isto é, as temperaturas altas e baixas são sentidas intensamente, contudo os

estímulos custam a serem percebidos. Ex. idosos tendem a se queimarem por não sentirem o calor de imediato.

Dor – Pessoas idosas suportam estímulos mais extremos sem percebê-los como dolorosos.

Neto-Jeckel e Cunha (2002), finalizam afirmando:

Ainda falta muita investigação para se chegar a um consenso sobre os conceitos básicos que possam definir o processo de envelhecimento. A ausência desses conceitos sedimentados impede a formulação de uma teoria fundamental que explique, elucide, interprete e unifique o domínio de fenômenos envolvidos no envelhecimento.

As mudanças perceptuais na velhice podem ser graves a ponto de incapacitar a pessoa. E o cérebro daqueles cujas perdas são menos severas vai perceber o mundo de forma comprometida. O sistema nervoso também sofre. Existe certa perda de neurônios do sistema nervoso central e um declínio na eficiência dos neurônios restantes.

Devemos enfatizar que os processos de envelhecimento social, biológico, psicológico não ocorrem independentemente um do outro. Como vimos, as mudanças no físico e no corpo (e especialmente do cérebro) podem ter profundos efeitos sobre o funcionamento psicológico. Esse ponto é tacitamente aceito por muitos pesquisadores, embora isso nem sempre seja verbalizado.

O envelhecimento deve ser encarado como um processo natural de todos os seres vivos. Nos humanos interferem o fator social e o psicológico. Envelhecer bem requer a aceitação do processo inevitável e o fechamento de um ciclo próprio dos seres. A experiência, maturidade e respeitar os próprios limites levam a comportamentos sadios e à adaptação necessária a essa fase que torna os seres mais vulneráveis. No entanto não são incapazes e inúteis como o estigma social tenta implantar nos idosos. Necessário se faz saber os próprios limites e viver o aqui e agora sem estar o tempo todo se reportando a uma época que passou. Viver no presente, sabendo seus limites e possibilidades ajuda nos relacionamentos, diminui a solidão e favorece a inserção social, necessária para tornar essa fase menos conflitante e pejorativa.

2.2. Teorias Sociológicas

As teorias sociológicas do envelhecimento desenvolveram-se nos últimos 40 anos, tendo como paradigma o contexto norte-americano. Algumas dessas teorias tiveram grandes influências no atendimento ao idoso no Brasil. Nas premissas da teoria do desengajamento encontram-se as bases que orientam os programas de instituições de longa permanência para o idoso.

A teoria da atividade fundamenta as propostas de ação dos programas voltados ao público da terceira idade.

Segundo Havighurst (1951), citado por Siqueira (2002, p. 48), a interação da psicologia do desenvolvimento com a sociologia surgiu o conceito de tarefas evolutivas, situadas entre a necessidade individual e a exigência social. Compreendem habilidades, conhecimentos, funções e atitudes que o indivíduo deve adquirir em dado momento de sua vida, sob a ação da maturação física, das perspectivas sociais e dos esforços pessoais. O domínio das tarefas resulta em ajustamento pessoal e social.

Citaremos a seguir algumas teorias sociológicas mais indicadas pelos estudiosos da área gerontológica, já que não pretendemos aprofundar e esgotar o assunto em todas as teorias existente até a presente data.

2.2.1. Teoria da atividade

Proposta por Havighurst, em 1968, descreve o declínio em atividade física e mental, geralmente associado à velhice, é fator determinante das doenças psicológicas e do retraimento social do idoso.

Para a manutenção de um auto-conceito positivo, o idoso deve substituir os papéis sociais perdidos com o processo de envelhecimento por novos papéis, de modo que o bem-estar na velhice seria o resultado do incremento de atividade relacionado a esses novos papéis sociais. (SIGUEIRA, 2002, p. 49)

A teoria social da atividade incentiva a importância do idoso continuar ativo. Após a aposentadoria, ele precisa ser estimulado a continuar trabalhando naquilo com que se

identifica ou que lhe dá prazer. Essa perspectiva torna-se difícil para a maioria dos idosos no Brasil, tendo em vista seus poucos vencimentos que mal suprem suas necessidades básicas.

Os idosos de classe média e alta geralmente encontram mais facilidades para realizar algum trabalho que lhes dê prazer.

Os serviços voltados para os idosos precisam abrir possibilidades no mercado de trabalho, facilitando assim sua continuidade ou volta às atividades valorizadas em nossa sociedade.

O pressuposto básico desta teoria é de que o declínio em atividades físicas e mentais, associado à velhice, contribui para o surgimento das doenças psicológicas no idoso. O esforço para manter-se na atividade com os mesmos níveis anteriores contribui para o envelhecimento bem-sucedido.

Para a manutenção de um autoconceito positivo, os idosos devem substituir os papéis sociais perdidos com o processo de envelhecimento por novos, de modo que o bem-estar na velhice seria o resultado do incremento de atividade relacionada a esses novos papéis sociais. Ao mesmo tempo em que enfatiza a atividade como benéfica e necessária para a satisfação com a vida na velhice, a teoria assume que todo idoso precisa de altos níveis de atividade social e os deseja. (SIQUEIRA, 2001, p.76).

A teoria da atividade fundamentou os movimentos sociais de idosos e orienta os projetos de lazer e educação informal voltados à terceira idade. Essas são atividades voltadas para o bem-estar na velhice.

Esta teoria considera que, com o envelhecimento, novos papéis surgem e que os idosos precisam se adequar e desempenhá-los da melhor maneira possível. No entanto, questionamentos foram levantados tendo em vista a impossibilidade dos idosos, em sua maioria, estarem inseridos em um contexto que dificulta este engajamento, como doenças incapacitantes, solidão, abandono familiar e social. A teoria prega o esforço para estar engajado como o modelo ideal de comportamento. Não leva em conta os conflitos, as perdas e os questionamentos desta fase que podem levar o idoso a optar por retrair-se. Prega a atividade como ideal de envelhecimento bem sucedido, como uma negação de todas as implicações que o envelhecimento traz.

Apesar dessas restrições, a teoria tem confirmado, através de pesquisas, que a atividade ajuda o idoso a se inserir socialmente, manter o nível de interesse, reativar amizades.

2.2.2. Teoria da Continuidade

Atchley (1989) citado por Siqueira (2002, p.38), propôs essa teoria tentando explicar a continuidade externa e pressões como elemento fundamental à manutenção de domínio, competência, senso de auto-integridade e auto-estima. A continuidade externa pressupõe conhecimento do ambiente físico e social das relações estabelecidas no exercício de papéis sociais e de atividades anteriormente executadas. O idoso pode ser motivado a manter continuidade externa buscando a satisfação de necessidades humanas básicas, como alimentação, abrigo, vestuário e interação social.

Pressupõe que as pessoas têm um determinado comportamento padrão e seguem um contínuo ao longo do tempo. Não levam em consideração as fases críticas, principalmente o conflito e as inter-vaiáveis que estão presentes no envelhecimento. As pesquisas demonstram que esta teoria ganha relevância quando comprovamos que idosos de baixo nível educacional, baixa renda, poucas relações sociais contribuem para a descontinuidade no idoso, levando-os a enfrentarem o envelhecimento de maneira negativa.

2.2.3. Teoria do Desengajamento ou da Desvinculação

Bee (1997), comenta sobre esta teoria e coloca que foi proposta inicialmente por Cumming e Henry (1961), e reformulada por Cumming (1975), apresentando três aspectos:

- Diminuição do espaço de vida. À medida que envelhecemos, interagimos cada vez com menos pessoas e desempenhamos cada vez menos papéis.
- Individualidade Aumentada. Nos papéis e relações que restam, o indivíduo mais velho está cada vez menos sujeito às regras e expectativas estritas.
- Aceitação. O adulto de terceira idade, saudável, desvincula-se ativamente dos papéis e relações, tornando-se mais e mais voltado para si.

Postula que o idoso caminha para a interiorização e o afastamento progressivo da vida social. A tendência é o idoso se desligar, gradativamente, das atividades em favor de um estilo de vida mais tranquilo e sem muitos compromissos.

Pressupõe que a estrutura de personalidade se desenvolve nas relações instituídas entre o sujeito e o sistema social. Portanto, mudanças no social corresponderiam a mudanças na personalidade. O desengajamento seria um processo inevitável e recíproco, resultante da diminuição da interação entre o indivíduo e os outros membros do sistema social.

As críticas a essa teoria apontam à era tecnológica com sua rapidez na qual o idoso é colocado de lado. Dá a entender que a teoria surgiu para justificar, na sociedade moderna, a exclusão do idoso dos meios de produção.

O idoso passa a ser visto como passivo no meio social e como uma classe em que as diferenças individuais não são computadas. Não são consideradas variáveis como cultura, personalidade, nível sócio-econômico, raça, sociedade.

2.2.4. Teoria da Modernização

Foi apresentada por Cowgill e Holmes em 1972. Relaciona a modernidade e as mudanças nos papéis sociais e no “status” das pessoas idosas. Essa teoria refere-se a industrialização e as mudanças estruturais advindas desse processo e como o idoso nesse contexto é atingido. Cita por exemplo as sociedades pré-industriais onde o idoso era valorizado devido a seu conhecimento e tradição cultural. Na sociedade industrial ele perde esse status, há redução de papéis de liderança e conseqüentemente afastamento da vida da sua comunidade.

Enfoca a relação existente entre a modernização e as mudanças ocorridas nos papéis sociais e no status das pessoas idosas. Modernização aqui se refere ao processo de industrialização, que provoca mudanças estruturais nas sociedades, influenciando o contexto histórico e cultural. A argumentação principal é o de que o status dos idosos nas sociedades primitivas se mantém e até aumenta com a idade, ao contrário das sociedades industrializadas, em que o alto poder tecnológico não valoriza a cultura histórica passada pelos mais velhos.

Na atualidade, rejeita-se a teoria da modernização com o argumento de que há necessidade de incorporar variáveis como: gênero, raça, etnia, camada social, localização geográfica e período histórico ao estudo do processo de envelhecimento. (SIGUEIRA, 2001, p. 92).

2.3. Teorias Psicológicas

A psicologia do desenvolvimento e a gerontologia, ainda não conseguem explicar a complexidade do processo de desenvolvimento humano. A explicação para isso é a idéia implícita de que o desenvolvimento é um processo unidirecional de crescimento, que só abrange a infância e adolescência, cujo fim último é a vida adulta. Nesse sentido, os

resultados são relativamente estáveis e irreversíveis. Tal fundamentação encontra-se na base de teorias clássicas do desenvolvimento.

Neri, (2001, p. 23), aprofunda esta visão quando coloca:

Independente de abrangerem um período mais longo ou mais curto do desenvolvimento, essas teorias descrevem-no como padrões ordenados e universais de mudança, segmentam-no em estágios cuja seqüência é vista como geneticamente determinada e atribui importância limitada às influências que têm início depois da adolescência.

Os estudos psicológicos e sociológicos ocorridos, a partir de meados dos anos 60, sobre a vida adulta e a velhice, contribuem para mostrar que o crescimento e a decadência não são fenômenos unilaterais. Eles não se excluem. Os seres humanos não se desenvolvem, crescem, chegam ao auge e perdem as capacidades e competências da mesma maneira e ao mesmo tempo.

Dentro desta perspectiva, Néri (2001, pág. 25), cita Paul B. Baltes, K. Warner Schaie, James Birren, Bernice Mengarten, Klaus Rieget e Matilda Riley, como os idealizadores da perspectiva "life span" de orientação dialética, que tem sua idéia central no desenvolvimento e envelhecimento como processos complexos e correlatos, sujeitos à influência de vários fatores em constante interação.

Néri (2001), acrescenta: da perspectiva "life-span" em psicologia, desenvolvida por Paul Baltes (1987), o desenvolvimento e o envelhecimento passaram a ser vistos como processos adaptativos que dependem de interações entre fatores genéticos biológicos e socioculturais.

Hoje, um conceito alternativo amplamente aceito na psicologia da vida adulta e da velhice é que tanto o desenvolvimento quanto o envelhecimento são processos adaptativos. Contrariando a concepção clássica, considera-se que ambos estão presentes ao longo de todo curso da vida e comportam na tensão constante entre ganhos e perdas. (NERI, 2001, p. 29).

No entanto, durante a infância constatam-se as mudanças como um processo de ganho e, na velhice, aumenta a ocorrência de mudanças identificadas como perdas, colocando todo enfoque de pesquisas e estudos nas deficiências deixando de enfatizar as compensações como: sabedoria, experiência, adaptações, vivência que o envelhecimento bem sucedido traz.

Neri (2001, pág. 41-42), cita vários teóricos que fizeram considerações acerca da velhice:

Para Jung (1971), a revisão de vida cumpre a função evolutiva de restaurar o equilíbrio psicológico quando, na meia-idade e na velhice, a pessoa reconhece sua própria finitude. Segundo Bühler (1933), Bühler e Massarik (1968) e Levinson (1976 e 1986), ela tem relação com avaliação das próprias realizações, no momento em que o indivíduo torna-se consciente do próprio declínio.

Segue citando Erikson (1959) e Erikson, Erikson e Kivnick (1986), a função de revisão de vida é promover a integração do ego o que inclui na perspectiva sobre o ciclo de vida e um ponto de vista sobre a morte. Mengarten (1964, 1969), vê na revisão de vida um processo gerado pela redução na perspectiva de tempo futuro, decorrente da experiência social de estar na maturidade e na velhice. Embora admita que ela ocorre, sobretudo na meia-idade e na velhice, Bütler (1963, 1974), afirma que a revisão de vida é um mecanismo que atua ao longo de toda a vida adulta e, por isso, é fundamental ao alcance da integridade do ego, cujo coroamento é a auto-aceitação e sabedoria.

Identificar as mudanças psicológicas que são apresentadas na velhice, pontuar as variáveis entre os indivíduos e grupos que envelhecem em diferentes épocas e contextos histórico-sociais e verificar os fatores ligados às mudanças são os principais objetivos da psicologia do envelhecimento.

À medida que a idade se prolonga, a diferença entre os idosos tende a aumentar, tornando esta categoria heterogênea. Gênero, camada social, saúde, educação, fatores de personalidade, história de vida, contexto sócio-histórico e cultural são fatores que irão marcar a diferença entre os idosos de 60 a 100 anos. Acrescentamos a esses fatores a subjetividade, que determina o bem estar subjetivo e sua identidade dentro do grupo de idosos.

Não há uma teoria única sobre o envelhecimento, nem na psicologia nem nas outras disciplinas que abrigam a investigação e a teorização nesse campo. Embora rica em dados empíricos, a gerontologia é ainda caracterizada pela escassez de modelos e teorias e por um grande número de termos sobrepostos. (NERI, 2001, p. 46-47)

Como podemos verificar nestas considerações, as explicações da psicologia, para os diversos fatores que compõem o envelhecimento, precisam de maiores estudos até por ser um fenômeno recente. Os teóricos do desenvolvimento quando se referiram aos idosos o fizeram brevemente, sem aprofundar o tema. Cabe aos teóricos preocupados com o aumento da longevidade aprofundar os conhecimentos, inclusive, de uma perspectiva menos pessimista, sobre esta longa fase de vida do ser humano.

Sabemos que, igualmente às fases anteriores da vida, a velhice tem características próprias, ocorrendo mudanças no sistema nervoso central, na capacidade sensorial e perceptual e na maneira de organizar e utilizar informações. Somam-se também os aspectos físicos, culturais, ambientais e a própria maneira individual de encarar esse processo. Alguns aspectos que têm sido estudados são:

2.3.1. Inteligência

Geralmente se pensa que a inteligência diminui com a idade. Até o momento não se comprovou esta afirmação. O idoso que continua ativo e executando operações formais não apresenta significativa diferença na idade madura. O que ocorre é a lentificação no processamento das informações. Os testes de inteligência não são adaptados para esta fase. Espera-se do idoso o mesmo desempenho anterior, tornando-se para ele difícil atingir os mesmos percentuais, aumentando a medição da inteligência por baixo. Todo experimento nesta fase usa os padrões anteriores como parâmetro, sem considerar as características próprias do envelhecimento.

Nas patologias verifica-se um declínio acentuado da inteligência, no entanto, em um organismo sadio, ou seja, na velhice normal não se comprovam tais déficits.

2.3.2. Aprendizagem

Nossa cultura perpetua a crença de que o idoso não mais aprende, desestimulando-o a tentar se inserir em atividades intelectuais. No entanto se o idoso estiver inserido e motivado a aprender, basta ser respeitado seu ritmo próprio que ele aprenderá. Essa atividade social facilitadora possibilitará, além de inserção social, aumento da auto-imagem, flexibilidade de opinião e oportunidade de expressão de forma crítica e construtiva.

2.3.3. Auto-Imagem

A auto-imagem é definida como um retrato mental que cada um tem de si mesmo. Este retrato mental é construído, desde o nascimento, acentuando-se na socialização e reavaliado ou modificado durante a existência.

No idoso a auto-imagem pode entrar em conflito devido ao estabelecido socialmente e a imagem que cada um acredita ter.

Culturalmente se projeta no idoso o lado negativo. Sempre há anedotas pejorativas, preconceitos e tabus enfocando o envelhecimento. O idoso, por sua vez, incorpora esses estigmas como verdadeiros, o que afeta profundamente sua auto-imagem.

Para que isso não ocorra, ele precisa estar inserido socialmente e reavaliando esses dogmas, buscando sempre confrontá-los com a realidade. Quanto mais ativo, mais terá chances e fundamentos de averiguar a veracidade daquilo que é imposto socialmente.

O idoso adaptado é aquele que tem consciência de suas limitações e de suas potencialidades sem desistir de lutar pelo seu lugar social conquistado dignamente ao longo dos anos.

Oliveira (1999, p. 113), confirma tais afirmações quando coloca:

Ao envelhecer, parece haver uma tendência, por parte da pessoa, a ver-se negativamente no quadro de sua própria imagem. Nessa fase da vida, as pessoas tendem a modificar sua auto-imagem, a qual se torna cada vez menos positiva. Porém, se existir uma proporcionalidade entre o que os demais e a própria pessoa pensam de si mesmo, existirá uma satisfação, acarretando uma personalidade integrada e adaptada à realidade; caso contrário, se as percepções do indivíduo sobre si mesmo não se ajustarem com a que os outros têm dele, existirá insatisfação, frustração e negativismo.

Barros (2000), descreve as fases do desenvolvimento descritas por Erik Erikson que foi o primeiro psicanalista que deu um enfoque teórico às etapas de idades mais avançadas. Ele apontou diversas etapas correspondendo às diversas idades dentro do ciclo de vida. Para ele, as cinco primeiras etapas do curso de vida caracterizam a busca de uma identidade que acontece como resolução da crise da adolescência. Quando termina a adolescência se poderia dizer que houve uma resolução do conflito na busca da própria identidade, passando-se então

para a fase adulta. A fase adulta é considerada como uma etapa mais tranqüila. Nela o indivíduo iria lidar com o que deixou de ser resolvido ou foi mal administrado.

Um dos conceitos que introduz é o da pessoa que na meia idade vai adquirindo o senso de que ele pertence à humanidade, a uma espécie e, como tal, tem que contribuir. Para o autor podem ocorrer dois comportamentos: a pessoa pode se doar envolvendo-se em projetos que ajudem as pessoas, ou pode ocorrer à estagnação, quando se isola e se recusa a produzir, tornando-se fechada e egoísta. Na etapa final de vida, o indivíduo teria a oportunidade de ser um indivíduo completo. Seria a fase da integração de todas as fases anteriores que foram vivenciadas. Essa fase abriria possibilidades da pessoa não se perder no desespero diante da avaliação de sua vida, quando percebesse que deixou passar as oportunidades, falhou, não lutou ou esqueceu seus projetos.

Quadro 1 – As oito idades do ser humano, segundo Erikson (1950)

IDADE	CONFLITO DO EGO	VALOR EMERGENTE
Infância inicial	Autonomia X vergonha e dúvida	Domínio
Idade do brinquedo	Iniciativa X culpa	Propósito
Idade escolar	Trabalho X inferioridade	Competência
Adolescência	Identidade X confusão de papéis	Fidelidade
Idade Adulta	Intimidade X isolamento	Amor
Maturidade	Geratividade X estagnação	Cuidado
Velhice	Integridade X desespero	Sabedoria

Fonte: Uchoa, E. Cadernos de Saúde Pública, RJ, v. 19, nº 3, p. 849-853, 2003.

Néri (2002), refere-se a vários teóricos, os quais desenvolveram suas teorias levando em consideração a fase última do ser humano. Entre eles destacamos:

Ψ Carl Gustav Jung

Carl Jung (1991), referia-se às depressões que ocorriam tanto nos homens quanto nas mulheres por volta da meia-idade. Segundo o autor, esta fase tem início com uma mudança modesta e sutil, muitas vezes, desapercibida. Às vezes, ocorre uma transformação lenta do

caráter da pessoa; outras vezes, são traços esquecidos da infância que voltam à tona. Antigas inclinações e interesses habituais começam a diminuir e são substituídos por outros. Com muita frequência, os princípios que norteavam a vida da pessoa até então se modificam radicalmente. Da mesma forma como não conseguiram se libertar da infância, também agora os adultos se mostram incapazes de renunciar à juventude. Temem os pensamentos sombrios da velhice que se aproxima, as tarefas desconhecidas e perigosas, os sacrifícios e as perdas que não têm condições de assumir.

A teoria que elaborou, a Psicologia Analítica, tem grande abrangência e ressalta a importância do que ocorre na fase final da vida.

Descreve a primeira metade da vida – a infância e a juventude como de grande expansão, voltadas para a aquisição do conhecimento e a descoberta do mundo. A segunda metade vai ser de reflexão, de uma volta para si mesmo, no sentido de elaboração do que foi adquirido, quando o indivíduo usa seus conhecimentos e experiência para a comunidade e a própria humanidade.

Ψ Daniel Levinson

Para Levinson (1978), dos 45 aos 50 anos o ser humano inicia o último estágio, cuja característica será redefinir papéis familiares e profissionais. Servir de modelo para os mais jovens. Estabelecer uma estrutura de vida. Modificação dos aspectos insatisfatórios. Formação de um quadro mais realista sobre si próprio e sobre o mundo e busca de significado para temas relevantes da existência,.

Ele descreveu três etapas: de assimilação, de adaptação e de assentamento. Com sua teoria, Daniel Levinson contribuiu para o conhecimento de alguns problemas na faixa etária da velhice. É o caso da depressão, problema freqüente na meia idade e na velhice. No entanto, ele não quis dizer que a depressão só ocorre nesta fase, mas que é freqüente nesta fase, inclusive por causa das perdas e da valorização social que é atribuída ao jovem.

Ψ Paul Baltes

Baltes (1997), é um pesquisador que trabalha com os estereótipos criados pela sociedade, como o preconceito de que a pessoa idosa vai perdendo as capacidades cognitivas, e, conseqüentemente, de atuar no mundo moderno em constante transformação. Ele conclui

que estão presentes no idoso a sabedoria que foi adquirida ao longo da vida e aprimorada com a capacidade de avaliar e julgar própria da maturidade. Ressalta que essa colocação não é uma apologia à velhice, pois há indivíduos idosos que não conseguem esse grau de sabedoria.

Outro estereótipo ligado à terceira idade é o conceito de flexibilidade e rigidez. Frequentemente ouvimos dizer que o idoso é rígido. Na realidade, ele será rígido se durante sua vida sempre teve como característica a rigidez. A rigidez ou a flexibilidade é um aspecto da personalidade presente ao longo da vida, que se acentua na velhice.

Dispomos hoje na literatura internacional de numerosas teorias e microteorias provenientes da psicologia social e da psicologia da personalidade que se aplicam ao envelhecimento, mas de nenhuma teoria unificada que oriente a pesquisa sobre os processos de mudança associados à vida adulta e à velhice. As teorias conhecidas sobre o envelhecimento emergiram em diferentes momentos e são referenciadas aos paradigmas da mudança ordenada, que resultou nas teorias de estágio, e aos paradigmas contextualista e dialético, que rejeitam a idéia de estágios. De acordo com esses paradigmas, o envelhecimento é processo que tem lugar ao longo do ciclo vital e, tal como o desenvolvimento, é determinado pela interação constante e acumulativa de eventos de natureza genético-biológica, psicossocial e sociocultural. Esses eventos são registrados no tempo, que não é, assim, fator causal. (NERI, 2002, p. 45)

Quando abordamos essas teorias não discriminamos o gênero, elas fazem referência ao homem e à mulher. No entanto, Warner (1998), cita a gerontóloga americana Elaine Brody, que criou o termo “*mulher do meio*” para definir a mulher adulta que está entre as mais novas e as mais velhas. Durante um bom período da vida a mulher convive com seus filhos e/ou com a geração mais nova, ao mesmo tempo em que as gerações mais velhas estão envelhecendo e precisando de cuidados. É ela que geralmente arca com esses cuidados. Elaine Brody mostra, com muita propriedade, como essa mulher pode ter negado a si mesma a vivência da própria vida. Atualmente já vislumbramos uma mudança no sentido do homem também participar das tarefas antes delegadas somente à mulher.

Essa mulher “mulher do meio” tem perdurado apesar das grandes mudanças na sociedade, principalmente as decorrentes de movimentos femininos profissionalizantes, no sentido de ter acesso a vários tipos de carreiras ao invés de se restringir ao trabalho do lar e ao cuidado dos filhos. (WARNER, 1998, p. 55).

O conceito de “*ninho vazio*” está se apagando em virtude de muitas mudanças. A mulher de hoje, preocupada cada vez mais com seu futuro, planeja o que fazer após a saída dos filhos de casa e, assim, passa a ocupar seu devido lugar na sociedade. Essa conquista revela uma nova mulher, preocupada com a gratificação de encontrar seu lugar profissional e desenvolver suas aptidões na sociedade.

Em conseqüência, um novo fenômeno vem ocorrendo: o do “*ninho recheio*”, gerado pela dificuldade dos jovens em se encaixar numa carreira para poder sair de casa adiando, assim, sua saída do lar. Outro fenômeno colabora para o “*ninho recheio*”: o retorno dos filhos descasados, muitas vezes com seus filhos, para a casa dos pais. Esta formação não é interessante para nenhuma das partes envolvidas, já que os adultos jovens gostariam de ter sua independência e a geração mais velha – os pais gostariam nessa fase de vida, de paz e sossego.

É um fenômeno mundial, pelo menos no mundo ocidental, onde é grande a dificuldade de o jovem se encaixar numa carreira para sair da casa dos pais, para constituir família, para ter sua própria casa, etc. Com essa situação, a saída dos filhos fica adiada para depois dos 30 anos; o “*ninho*” continua re-cheado por mais tempo, além do séquito de conflitos, gerados pela ansiedade e indefinição quanto ao destino das pessoas em jogo. (WARNER, 1998, p. 55).

As pesquisas também têm se preocupado com as mudanças ocorridas nos perfis dos avós modernos. Antigamente esses se preocupavam em criar seus netos liberando os pais para se dedicarem a outros afazeres. Os avós modernos estão mais preocupados em melhorar sua qualidade de vida e participar de eventos que lhes tragam conhecimento, lazer e integração.

Warner (1998), ainda cita a gerontóloga Florine Livenson que levantou outro problema: o dos papéis familiares ao longo da vida. Segundo ela, depois do nascimento, continuamos um bom tempo como “*filhos de nossos pais*”. Chega um período em que os filhos se tornam “*pais dos seus filhos e pais dos seus pais*”. Como se preparar para esse papel? A maioria tenta fugir dessa penosa tarefa. Até porque não foi preparada para desempenhá-la.

É sempre bom lembrar que as possibilidades de criação desenvolvidas pelo sujeito ao longo da vida dependem da estética dos primeiros enlaçamentos a que foi submetido, inicialmente com a mãe, mas em seguida com o pai, com os irmãos e com toda a cadeia geracional onde se constituiu. (ROCHA-COUTINHO, 2003, pág. 81).

Vimos algumas das teorias que enfatizam as várias possibilidades de adequação do idoso ao meio. Não podemos esquecer os fatores que o influenciam além de sua história de vida, papéis e valores sociais e culturais. O ser humano se re-inventa sempre e o idoso dentro deste contexto vem demonstrando flexibilidade para se adaptar a novas demandas contemporâneas. As teorias tentam explicar, mas só o idoso poderá confirmar ou não, essas teorias e até mostrar novas possibilidades.

Das teorias demonstradas neste trabalho adotamos a de Paul Baltes por defender as perdas e compensações nesta fase de vida. Para Baltes há perdas que são compensadas com a experiência e a prática de toda uma vida. Aceitamos esta teoria como a mais adequada para representar esta pesquisa já que constatamos nesta fase, uma adaptação a novos arranjos e modelos aos quais os idosos estão suprimindo e dando conta não por sua agilidade, mas pela flexibilidade e experiência em se adequar a novas demandas.

No próximo capítulo, enfocaremos a família e o envelhecimento. Enfatizaremos mais a família e seu ciclo vital já que esse é o foco do nosso trabalho. Procuraremos demonstrar os novos arranjos familiares e como o idoso vem desempenhando o seu papel nesse contexto.

3. FAMÍLIA E ENVELHECIMENTO

A partir da nossa proposta de estudo que é focar a percepção do homem idoso dentro do ciclo vital da família, torna-se importante citarmos algumas considerações acerca da família em alguns momentos históricos e fundamentarmos com a Teoria do Ciclo Vital sustentada por Cerveny (1997), estudiosa do assunto, que vem contribuir com nossas reflexões sobre o assunto.

Antes, tentaremos retratar a velhice, através de fábulas que se referem a momentos históricos a fim de demonstrar a visão da velhice em outras épocas e como, até hoje, persistem alguns estigmas e estereótipos.

3.1. A velhice retratada em fábulas

Simões (2004), cita Steven Wisensale, que recorreu a três fábulas como recurso para apresentar as formas de tratamento dado aos idosos em três épocas distintas e a partir delas podemos refletir como hoje se situa essas questões tratadas com tanta sensibilidade no relato a seguir:

A primeira estória é retirada de um romance futurista do final do século XIX, escrito por Anthony Trollope, “The fixed period”, que se passa em uma ilha, na qual os mais jovens haviam estabelecido, por lei, que todos os cidadãos de 67 anos ou mais deveriam ser depositados numa espécie de faculdade honorária, chamada “necrópolis”, onde passariam o período de um ano em meditações e reflexões, ao final do qual seriam mortos e cremados. Essa lei destinava-se a impedir que a vida humana fosse aviltada pelos debilitamento e pela demência, oferecendo aos idosos uma morte cercada de dignidade e honra.

A segunda estória, retirada da discussão que o filósofo Harry Moody (1992), faz sobre justiça intergeracional, reporta-se a uma fábula em que se dá um diálogo entre o filhote de um pássaro e sua mãe, que o transporta nas costas enquanto procura comida. A mãe pergunta ao filhote se, quando ela ficasse velha e fraca, ele a carregaria do mesmo modo que ela o fazia agora e o filhote lhe responde que não, é claro; que ele carregaria apenas o seu próprio filhote, exatamente como sua mãe fazia agora.

A terceira estória referida é o conto de Grimm, também citado por Simone de Beauvoir (1990), na introdução ao seu clássico estudo sobre a velhice: trata-se da fábula do camponês que passa a dar de comer a seu velho pai separado da família, numa pequena gamela de madeira, e que um dia surpreende seu filho pequeno catando uns tocos de pau; ao perguntar por que o garoto fazia aquilo, este lhe responde que está preparando a gamela do pai, para quando ele ficar velho, como o avô. O camponês, então, impressionado, decide devolver, imediatamente, o lugar do avô à mesa.

Refletindo sobre a primeira fábula, é notória a repulsa ao envelhecer, no sentido físico como também no mental. Para não se testemunhar tamanha degradação, prefere-se “por um fim antecipado” ao suposto sofrimento do outro sem, antes, lhe perguntar o que acha, nem como está sendo representada para ele esta fase. Os jovens decidem e cumprem. Trazendo para o nosso contexto atual: será que os jovens agiriam da mesma maneira tendo em vista as necessidades atuais e o novo papel que os idosos vêm desempenhando nas relações intergeracionais?. Será que este fator econômico não é decisivo para estabelecer o “poder do idoso” neste contexto? Além do mais, como já vimos acima, os idosos estão cada vez mais presentes e desempenhando papéis importantes ao longo do ciclo vital.

A segunda fábula retrata uma época em que não se esperava que o idoso vivesse tanto para conviver com várias gerações. Hoje este cenário mudou e temos idosos que são avós e bisavós, passando por várias gerações e influenciando-as. Vemos, também, novas formas de interação e aí voltamos a mencionar outra vez a importância dos papéis que vêm conquistando e ocupando com tanta competência.

A terceira estória retrata, como ainda hoje, casos de abusos e maus-tratos dos idosos como temos visto nos noticiários. No entanto com o aumento populacional e profissional voltados ao estudo do envelhecimento, políticas públicas vêm sendo criadas e os avanços na área geriátrica e gerontológica têm resultado em políticas voltadas à qualidade de vida e supervisão nos atendimentos a esta faixa etária, tornando-a uma especialidade emergente com profissionais cada vez mais capacitados e em busca de soluções para as novas demandas dos idosos.

Percebemos que o contexto histórico traz peculiaridades próprias, mas não diverge da nossa época quanto aos preconceitos e estereótipos ligados à idade. O que temos a acrescentar diz respeito aos novos cenários que vislumbramos, devido ao aumento populacional dessa faixa etária favorecido por fatores sobre os quais iremos decorrer.

Estas estórias retratam como o idoso era visto em três contextos diferentes e nos faz refletir sobre estes mesmos significados na atualidade. Claro que muitas mudanças houve até chegarmos aqui. A família da qual falamos hoje tem novas demandas e novos papéis, inclusive com os novos arranjos familiares uma nova postura do idoso é exigida.

Para o idoso, a família é representada por aquelas pessoas que o assistem, sem necessariamente serem parentes. Somam-se a estes também as noras, genros, ex-noras e ex-genros, afilhados, principalmente quando se tem netos nestas relações e o elo permanece após os descasamentos dos filhos. Encontramos na era atual o papel fundamental do idoso passando por gerações e unindo, harmonizando e sendo moderador de conflitos, inclusive dando suporte emocional aos netos, amenizando os conflitos e transtornos emocionais, por exemplo, no caso das separações dos pais.

Como iremos ver a cultura e os valores norteiam a identidade e subjetividades em um contexto social no qual a família se insere. O idoso vem fazer parte deste contexto e contribuir para novos questionamentos e novas relações. Com sua inteligência, experiência resgata valores e papéis antes desempenhados pelos jovens. Readquire seu valor e status de provedor (em todos os sentidos) econômico, emocional e afetivo, na época atual própria de instabilidades e culto à força física e ao belo.

O objetivo deste capítulo é discutir e contextualizar o idoso na família atual.

Ariès (1981), descreve como a família da Idade Média era mais aberta à comunidade, confundindo-se mesmo com ela. Crianças, adolescentes, adultos e idosos ocupavam os mesmos espaços sociais. O isolamento progressivo da família em si mesma e a separação mais rígida entre o mundo infantil e o mundo adulto, entre o mundo de casa e o mundo da rua emergiram nos dois últimos séculos.

Do fim da Idade Média até pouco tempo, antes da intensa industrialização e da expansão dos grandes conglomerados urbanos, prevaleceu a chamada família patriarcal ou família extensa. Eram famílias predominantemente rurais, caracterizadas por uma rígida hierarquia de poder, de acordo com o sexo e a idade. As leis familiares eram rígidas e garantiam a transmissão dos valores. A castidade das mulheres era imposta até o casamento, e assim, assegurava o nascimento do herdeiro legítimo. Os matrimônios eram realizados de acordo com os interesses econômicos. Sendo assim, as organizações matrimoniais entre os trabalhadores, os escravos e os indivíduos pobres eram diferentes por não terem patrimônio para ofertar.

O avanço tecnológico possibilitou o aumento das populações nos grandes centros urbanos e a entrada da mulher no mercado de trabalho formando uma nova constituição familiar, chamada de família nuclear, geralmente composta pelo casal e um ou dois filhos. Essa nova família vai caracterizar sua constituição pela necessidade de afeto e de satisfação sexual.

Podemos dizer com segurança que os novos arranjos familiares caracterizam “*famílias*” e não um único modelo de família. Vários fatores contribuíram para este novo conceito. Alguns deles dizem respeito às novas demandas no relacionamento conjugal. A prioridade atual é o prazer. Estar junto não por uma norma que uniu o casal, mas pela satisfação no relacionamento. Dentro desse princípio, podemos vislumbrar uma nova faceta na família, como a descasada, a recasada e uniões de novos grupos que vêm conquistando seu espaço e se firmando como classe independente e com peso social. É o caso dos homossexuais que constituem as famílias homoparentais e da nova tendência para vivenciar a sexualidade sem o compromisso do contrato formal, nem da reprodução.

O século passado foi caracterizado por profundas transformações histórico-culturais, entre elas, algumas na família e na velhice. Hoje não podemos falar na família como um único modelo, como, também, a velhice se apresenta de forma multifacetada. Mudou a família, caracterizando-se hoje pela diversidade de arranjos, constituindo-se “*famílias*”, e não só como um único modelo e por sua vez “*velhices*”, dentro de uma análise sócio-histórica.

A família, antes numerosa e mais estável, com seus papéis hierarquizados e rígidos, passou a ser nuclear e obedecer à ordem do dia “*o estar junto pelo prazer da partilha*” e não “*o viver a qualquer custo até que a morte os separe*”. Além do mais, o modelo de família sofreu uma transformação fundamental e ela passou a ser constituída e reconhecida, atualmente, como uma união estável. Isso ocorre não só naquela união com papel passado como antigamente.

O papel do idoso também sofreu transformações: antes era difícil se chegar aos 80, 90, 100 anos. Hoje se vive mais, por conta de todos os fatores já discutidos ao longo deste trabalho e as gerações mais novas passaram a conviver mais com seus antepassados, principalmente nos momentos de crise econômica e instabilidade nos relacionamentos sociais.

O divórcio possibilitou a formação legal de novos núcleos familiares. Com a instabilidade das uniões, surgiram novos pais/mães, com seus respectivos filhos e novos avós, com novos papéis, funções e responsabilidades.

A característica atual do estilo de vida e a velocidade dos eventos e a fragilidade dos relacionamentos nos impõem um sentimento de instabilidade e transitoriedade. Vivemos apressados, correndo e na certeza que não acompanhamos os rápidos eventos que se sucedem.

Partindo destas considerações, perguntamos: Qual ou quais os novos cenários que vislumbramos? O que teremos no nosso envelhecer? Quais os novos modelos com os quais lidaremos daqui para frente?

Todas essas transformações tiveram profunda influência na família e no lugar do idoso no contexto familiar, considerado nas comunidades primitivas como portador de experiência e sabedoria.

As etapas da vida como o ser criança, adolescente e jovem, tornaram-se um valor. Chega-se a infantilizar o adulto como uma maneira de permanecer jovem. O desafio atual é permanecer jovem o maior tempo possível, nem que para isso tenhamos que viver atrás de uma fantasiosa cirurgia, cosméticos, estilos e vida e até roupas que nos tornem “juvenis”.

A história relata, desde o mundo primitivo, a necessidade e importância da força física e o vigor corporal para sobreviver. Essas condições, até hoje, são desfavoráveis para a velhice. E, em uma sociedade sempre em busca do novo, da mudança, a tradição e a memória não encontram lugar. O idoso tornou-se descartável.

Barros (2004, p. 17), cita Featherstone (1998), para enfatizar o estigma social com o qual se percebe o idoso:

É com os olhos da juventude que se percebe a velhice. Ela é vista como um declínio e, sobretudo, como a impossibilidade de ser positivamente valorizada na medida em que já ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida, seja do ponto de vista da capacidade produtiva como trabalhador, seja do ponto de vista da capacidade física e psíquica, com a perda gradual da capacidade de controle do corpo e da mente.

Este é o pensamento dominante. No entanto, uma nova realidade se configura, principalmente pelo fato de o envelhecimento ter se tornado um tema acadêmico e os pesquisadores terem alertados sobre o aumento do número de idosos e o significado de sua participação social.

As pesquisas indicam a realidade do idoso em nossa sociedade e começamos a perceber que eles não são, somente, um peso para a família e a sociedade. Como exemplo, temos o IBGE (2000), que aponta dados interessantes referentes à contribuição dos idosos:

- Com os benefícios da seguridade social garantida aos idosos nas últimas décadas, as famílias com membros idosos tiveram aumento significativo em sua renda, melhorando sua qualidade de vida;
- O percentual de aumento de 62,4% de domicílios chefiados por idosos constatados pelo censo-2000 comprova a presença e importância dos idosos nas famílias brasileiras;

Além do idoso contribuir para a renda familiar, ele passa a ser o cuidador dos membros da família, especialmente as crianças. E aí eles transmitem história, valores e afeto. Quem poderia dimensionar o valor dessa contribuição?

Medeiros (2004), cita pesquisa realizada por Calobrizi (2001), no Fórum da comarca de Pederneiras (SP), no período de 1993 a 1998, envolvendo a guarda de crianças por idosos.

A pesquisa mostrou que a situação econômica e a saúde desses avós não foram consideradas boas, porém isso não teve influência na hora de decidir sobre a guarda. Ainda mais surpreendente é que esses avós, após a aceitação da guarda dos netos, não recebem nenhum apoio econômico ou moral. Mesmo assim, nenhum rejeita cuidar das crianças, mencionando entre outros motivos que “são sangue do meu sangue” ou “onde comem dois comem quatro”.

Quando falamos em família temos que considerar o espaço onde ocorre a vida cotidiana. É nesse cenário que se desenvolve a nossa existência; nele, convivemos com os mais idosos e nos beneficiamos dos relatos e do testemunho da história oral, os fatos de cada geração e aí interagem gerações com sua história e vida pessoal.

Barros (2004, p. 20), cita pesquisa realizada em 1987, sobre mudanças e permanência de valores na família contemporânea de camadas médias no Rio. Os avós estavam referidos aos valores modernos do individualismo e às transformações da família moderna com as separações de casais, aos recasamentos, à entrada da mulher no mercado de trabalho, à revolução sexual, à discussão das relações de gênero advindas do movimento feministas. Os avós reafirmam a importância da família como um valor social e como a instância fundamental na sociedade brasileira para a construção da identidade.

Assim sendo, a família apresenta-se como espaço rico nas vivências de papéis entre as gerações, firmando cada vez mais os papéis dos avós, hoje com mais esta função de se adaptar

e responder às novas demandas, além de cuidarem das gerações mais novas, à custa até do descuido pela sua saúde já fragilizada pela idade.

Para o idoso, o grupo familiar é visto como um sistema de relações que são significativas, mesmo que não haja consangüinidade, mas interdependência afetiva, aceitação e apoio. Grupo com o qual ele possa contar e se sentir apoiado, desenvolvendo papéis e sendo respeitado em sua singularidade.

Segundo Dias e Silva (1999), em geral, os avós são o porto seguro nos momentos de crise; o apoio financeiro nos momentos de desemprego e ingresso no mercado de trabalho; os transmissores da história familiar firmando a identidade do grupo; os apaziguador e apoio emocional nas relações interpessoais intempestivas dos filhos, nas separações e, para os netos, representam o equilíbrio necessário, na maioria das vezes

Quando paramos para refletir sobre o papel do idoso, ele não se encerra aí. Ainda temos o papel de: o agregador, o conselheiro, o amigo, o símbolo de resistência a tantas dificuldades enfrentadas na luta pela sobrevivência. Com certeza, um novo cenário se forma na revalorização do idoso dentro do contexto familiar, partindo daí para a comunidade e a sociedade. Ampliando estas dimensões, sabemos que a família passa sua cultura e é perpassada pela cultura social. Neste entrelace o que surge a partir de uma nova demanda familiar irá influenciar o social e vice-versa, sendo o idoso mais um personagem importante na transmissão de valores e na perpetuação da história familiar e social.

A família como uma nova fase da vida deve ser vista dentro da ótica cultural de cada época. Pretendemos enfocar a constituição dos significados do ser idoso na família, percebida por ele, como filho, pai, marido e avô, compreendendo-a como forma cultural particular de dar sentido às vivências únicas e multifatoriais que a atravessa.

3.2. Família e Ciclo Vital

Sathler e Py (1994), questionam o papel do idoso frente aos seus laços familiares, em que aquele que antes era o pai passa a ser avô, criando o vínculo avô-neto, que cria outras possibilidades dentro do contexto e da vivência do indivíduo. No entanto, este novo papel pode anunciar a perda de “*status*”, como não estar mais à cabeceira da mesa, o que pode ser sentido como a perda de poder. E reflete sobre a angústia existencial frente à perda de papéis e a aquisição de outros com suas exigências e significados.

Cervený, Berthoud e col. (1997), descrevem várias formas sob as quais podemos olhar a família. Elas concebem a família com uma estrutura mais ou menos rígida ao descrevê-la pelo seu funcionamento e dinâmica, como também através da sua etapa desenvolvimental. E segue enfatizando várias formas de se olhar a família: suas origens étnicas e raciais, sua inserção cultural e social e assim por diante. No entanto, concluem que seu objetivo é olhar a família da perspectiva do seu ciclo vital.

Seguem conceituando: “Ciclo Vital Familiar é um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração, até à morte de um dos indivíduos que a iniciaram”. (CERVENY e col. 1997, p. 21).

A autora propõe uma nova caracterização de ciclo vital diferente da disponível até o momento, proposta esta comprovada e analisada através de pesquisa desenvolvida nos anos 1996/1997, em São Paulo.

Essa caracterização coloca a família, ao longo do seu ciclo vital, em quatro etapas, sendo que a autora chama a atenção para a não rigidez das fases:

1. Família na Fase de Aquisição: que engloba o nascimento da família pela união formal ou informal;
2. Família na Fase Adolescente: compreende o período em que os pais e os filhos estão vivendo a adolescência;
3. Família na Fase Madura: tem início quando os filhos atingem a idade adulta e a família passa a vivenciar o período da maturidade,
4. Família na Fase Última: caracteriza-se pelo envelhecimento dos pais e por transformações na estrutura familiar.

Como nosso estudo enfocará o idoso, nos deteremos nesta última fase do ciclo vital.

3.3. A Família na fase última

A família na fase última apresenta características de fechamento de ciclo. Traz uma longa viagem através do tempo e, por seu caráter transgeracional, vai demonstrando como alguns papéis se mantêm embora modificados na ação cotidiana e como os valores se modificam, se ampliam, se ajustam ou são substituídos, diante de novos modelos de família que vão se apresentando, até os dias de hoje, quando coexistem simultaneamente. (CERVENY,1997, p. 129).

Nessa fase, o idoso pode trazer esclarecimento dos fatos passados, dando sentido à história da família, além de informar às novas gerações os fatos ocorridos com seus antepassados.

Quando vamos descrever a família na fase última, segundo a citada autora, podemos constatar que a construção da identidade de casal desses idosos trouxe valores da família de origem e, como esperado, é uma união de esforços, dirigida à formação dos filhos. A crença no casamento indissolúvel é mantida com esforço pelos cônjuges, que se unem atravessando crises. Crises essas materializadas nas dificuldades de criar os filhos, no sub emprego ou desemprego dos filhos, no alcoolismo masculino durante as fases críticas no casamento ou após a aposentadoria (incentivada pela nossa cultura) como uma forma de enfrentar problemas.

Com os filhos criados surge uma nova demanda impulsionada pelos novos arranjos familiares: os filhos descasados que voltam ao lar com seus filhos. Cervený (1997), chamou este movimento de “pais estendidos”, significando cuidar dos filhos e dos netos. Às vezes, pela dificuldade financeira, há um regresso de toda família à família de origem, isto é, os filhos retornam com seus filhos e mulheres/maridos (noras ou genros).

Nela também ocorre a aposentadoria, o que acarreta várias perdas, entre elas:

- 1) as sociais quando o indivíduo é destituído de seu status de empregado, com suas atribuições e papéis dentro de uma organização, tendo também como consequência à redução dos relacionamentos interpessoais;
- 2) a financeira se aposentando com salário menor numa época que demanda grande quantidade financeira para arca com medicação e na maioria das vezes adaptação à órtese e prótese;
- 3) as afetivas com a saída dos filhos de casa, quando os amigos e, até o próprio cônjuge, morre causando uma crise existencial e o questionamento da própria finitude;
- 4) o lugar de poder dentro da própria casa com os filhos crescidos e introduzindo nova ordem, novos valores e maneira de ser – tomando decisão e se fazendo centrais no papel decisório antes assumido pelo idoso.

A aposentadoria é também um grave problema da velhice, principalmente para os homens. Sobre esse tema não faltam pesquisas. A aposentadoria é uma condição nova de vida. Perde-se um papel social construído e vivido durante anos, com

o sacrifício dos próprios laços familiares e afetivos. (WARNER, 1998, p. 56).

Todos esses fatos atingem mais o homem idoso, que culturalmente não se acostumou a dividir as tarefas em casa e com a aposentadoria fica, na maioria das vezes, sem perspectiva, restando-lhe a passividade diante da televisão, ouvindo rádio, somatizando através de doenças ou indo se juntar aos seus amigos naquele bar da esquina onde pode começar um ciclo de vício através do alcoolismo.

As etapas mais avançadas da vida proporcionariam às mulheres uma crescente liberação dos afazeres e cuidados domésticos e, concomitantemente, maior disponibilidade para a vida pública; ao passo que para os homens, em contraste, a aposentadoria marcaria o rompimento com o mundo do trabalho, meio privilegiado para a afirmação de seu esforço pessoal e espaço preferencial ou exclusivo de sua sociabilidade pública, o que os levaria a seu recolhimento doméstico. (SIMÔES, 2004, p. 52).

Este aspecto do envelhecimento masculino, tende a ser mais forte com o homem trabalhador que a aposentadoria acentua a desvalorização, inutilidade e impotência decorrente da perda de papéis e laços afetivos de longas datas, levando o homem idoso ao desengajamento.

Na fase última, segundo Cerveny (1997), há um fechamento de ciclo. O idoso, inserido num contexto mais amplo constituído por filhos, noras, genros e netos, tem que se adaptar a novos relacionamentos e a partir daí desempenhar mais um papel – o de avô.

Vindos de famílias onde o casamento era indissolúvel e tendo, como já visto, vivido sob a força dessa crença e valor, os idosos hoje se encontram convivendo com vários modelos de estruturação familiar e parentalidade, na medida em que seus netos tornam-se pais e mães solteiras, e seus filhos se casam e recasam, às vezes mais de uma vez. (CERVENY, 1997, p. 143).

Quando sós, ou por separações ou por falecimento dos cônjuges, os idosos passam a residir sozinhos ou com os filhos, tendo que se incorporar a outro ritmo de vida.

As decisões a respeito das pessoas idosas, muitas vezes, não são tomadas por elas, mas por outros que decidem por elas. Então se acomodam, renunciam ao direito de decidir sua própria vida, pois acham que não têm capacidade e, assim, passam a viver em estado de não-participação, viver um sentimento de impotência. (WARNER, 1998, p. 53).

Essa situação é mais complicada para o homem idoso, tendo em vista vir de uma cultura onde sua preocupação principal era de provedor, não tendo se acostumado com os afazeres domésticos. Somam-se a essas dificuldades, a saúde precária e o cuidar-se sozinho tendo que administrar várias medicações com dosagens e horários diferentes. Alguns filhos, sem saberem o que fazer com seus pais idosos, optam por colocá-los em uma instituição de longa permanência prometendo sempre visitá-los. Isso, muitas vezes, não ocorre devido ao movimento acelerado da vida moderna exigindo deles muito mais empenho e dedicação pra sobreviver e manter sua família que, por sua vez, encontra-se na fase madura do desenvolvimento do ciclo vital da família que também apresenta características próprias.

Como já assinalamos, o significado de família para o idoso vai além do conceito de consangüinidade. E ela se amplia à medida que o idoso se insere no cenário social e participa da vida comunitária, possibilitando a formação de rede de amigos que traga consolo, afeto e proteção.

Quando os filhos não podem estar presentes por vários motivos que já apontamos, o amigo e companheiro podem “ser como se” e amenizar o vazio deixado pela ausência.

Em se tratando de idosos doentes, sequelados e/ou dependentes, em qualquer faixa etária pode ocorrer necessidade de apoio. É necessária uma rede eficiente de cuidados e facilidade de acessibilidade à solidariedade para que a vida possa ser vivida plenamente e com qualidade até o final.

Constatamos que a grande transformação ocorrida na família se deu na sua forma de organização. Antes, era uma instituição cercada de normas e hierarquias rígidas e agora passou a ter regras próprias, embasada no diálogo, na amizade e nas necessidades práticas. Neste contexto, a diversidade da família trouxe mudanças nos relacionamentos familiares e no próprio idoso inserido nela, portanto, ele também contribuiu para esta nova forma, tornou-se autor e ator importante nesta nova configuração.

Nas famílias em que os idosos são a fonte principal da renda familiar, verifica-se uma parcela expressiva de filhos morando junto com pais e avós. Encontramos aqui algumas conseqüências importantes da generalização da longevidade sobre a organização familiar: convivência entre diferentes gerações na família, sistema de amparo recíproco onde os idosos não só ajudam como são ajudados.

O dito popular de que os filhos é um seguro para a velhice, pode ser re-inscrito e se dizer: que ter avós é um seguro para os jovens, principalmente aqueles idosos aposentados e

pensionistas. Na atual conjuntura de dificuldade de inserção no mercado de trabalho, na capacitação e especialização acadêmica, os jovens contam com a ajuda dos idosos para conseguirem qualificação profissional para entrarem no mercado de trabalho e até iniciarem sua vida conjugal ou mantê-la caso venha a perder o emprego.

Muitos filhos divorciados retornam à casa dos pais solicitando um apoio – financeiro ou moral – para educar seus filhos. Esta é uma prática comum no Brasil, pois, como dissemos, as políticas familiares são restritas e o sistema público escolar é ineficaz. São poucas as creches e as escolas maternas da rede pública, e as escolas do ensino fundamental (1º e 2º graus) funcionam somente meio período, obrigando os pais que trabalham a lançar mão de sistemas informais de guarda das crianças, como as babás e as empregadas domésticas ou, ainda, seus pais aposentados. (PEIXOTO, 2004, p. 77).

Durante estas reflexões, podemos perceber a transformação da família ao longo do tempo como também o papel do idoso no contexto familiar. Discutimos uma nova relação geracional que se afigura, a partir do novo contexto sócio-econômico. Com as aposentadorias e pensões, o idoso vem resgatar sua importância como provedor, mantenedor nas situações financeiras difíceis de seus filhos e netos, além daquela pessoa disponível nos momentos de crises. Um novo papel surge a partir da necessidade e demanda atual e mais uma vez o idoso se adequa e se sacrifica pelos seus, reforçando os laços familiares e sustentando a tradição dos afetos familiares como modelo agregador e acolhedor nos momentos de crise.

A longevidade é um fato que as pesquisas apontam, inclusive, chamando a atenção para as novas demandas no sistema previdenciário, financeiro, de saúde, transporte e moradia. Necessário se faz que se abra o debate sobre as relações familiares e que os próprios idosos, mais uma vez, abram-se para viverem novas experiências e novas formas de se relacionar. O que não impossibilita a idéia de família como a extensão de uma rede de apoio e não apenas um lugar determinado para viver.

Abordaremos no próximo capítulo o homem em várias fases da vida: Como filho, irmão, tio, marido e dentro dos grupos sociais (família e sociedade).

Como estamos realizando uma pesquisa com homens, confeccionamos um capítulo sobre os desafios que estão sendo colocados para o homem na contemporaneidade.

4. O HOMEM CONTEMPORÂNEO

Quando uma criança nasce hoje, já sabemos, através dos testes pré-natais, se é menino ou menina. Esta é a primeira pergunta que os pais fazem. Depois é saberem se estão bem, se não tem nenhum defeito genético, não traz consigo nenhuma doença e com quem se parece.

O nascimento de um filho vem cercado de expectativa e fantasias dos pais.

O diferencial inicial no nascimento parte da observação dos genitais. Mesmo antes do nascimento esta constatação vem influenciar na decoração do quarto do bebê; na cor das roupas e nos enfeites para o futuro herdeiro (a). A partir daí, começa a expectativa social em relação àquela pessoa, desenvolvendo assim, os contornos das subjetividades individuais.

Os meninos, desde cedo, são incentivados a não chorar, não abraçar, nem beijar outro menino, não ser medroso.

Estes comportamentos são supervisionados pela família e pela escola, passando uma imagem para os meninos de que eles são fortes, poderosos, superiores, machos. Isto contribui para que eles não entrem em contato com sua afetividade, fragilidade, medos, questionamentos, fazendo-os se distanciarem de si e construírem uma dicotomia entre o interior e exterior. Depois a própria sociedade reforça a noção de que o homem é lógico, frio, distante e agressivo.

Nolasco (1995, p. 42), confirma estes dogmas sociais quando coloca:

O cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: “isto é brinquedo de menina”, “menino não chora”, “menino não abraça nem beija outro menino, só os maricas”, “você transou com ela? Não? É muito bobo!”, “você é medroso, parece mulher”. Enfim, uma gama de afirmações vindas em um primeiro momento da família, posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades, inseguranças e angustias.

Os meninos crescem acreditando nestes conceitos e se esforçando para corresponder a eles. Quando não conseguem, sentem-se inadequados, problemáticos e inferiorizados. Muitas vezes, essa interioridade os leva a agirem com violência até para se firmarem ou como uma forma de reproduzirem as agressões sofridas.

Segundo Nolasco (1995), os meninos crescem estimulados a contar vantagens e mérito. O padrão masculino inicia-os em um mundo onde acreditam ser os melhores só por serem homens.

Quando nos reportamos à história, verificamos na própria Bíblia a criação do mundo por uma divindade homem; o primeiro ser humano foi homem e na mitologia os deuses poderosos e donos do Olimpo eram homens, os quais possuem características de poder, força, sendo independentes, frios, autoritários. Até hoje, nas histórias dos grandes heróis, estas características permanecem, como podemos constatar assistindo a filmes ou lendo livros sobre heróis como: Batman, Super-homem, Homem-aranha.

Quando aparece a mulher, vem com uma imagem impregnada de conotação sexual. Em geral, estabelece-se um jogo amoroso e de conquista do super-macho, sempre mostrando seu poder e a fragilidade da fêmea.

Como pode o homem atual abandonar este modelo secular e reivindicar seu lugar existencial? Para isso, ele precisará de permissão não só da família, como do grupo social. Hoje já assistimos ao surgimento de um grupo de homens denominados “metrossexual”. São aqueles que se permitem demonstrar afetividade com os filhos; preocuparem-se com as tarefas domésticas; permitem-se fazer as unhas; cuidar da pele; usar roupas mais coloridas, enfim, despojarem-se do estigma de macho tradicional sem perderem sua identidade de homem. Lógico que para chegarem a esse comportamento, precisaram da permissão social, como já citamos. A mídia quando coloca este novo homem de forma positiva, está dando permissão para o estabelecimento desse novo comportamento.

Quando paramos para refletir na representação desses avanços, percebemos o quanto o homem foi aprisionado com essas crenças e o quanto isto gerou afastamento de si mesmo enquanto pessoa.

Mais uma vez citamos Nolasco (1995, p. 47):

Um menino cresce ignorando as sensações que brotam do próprio corpo, distanciando-se da possibilidade de formar uma visão particular sobre ele mesmo. Assim, ele é conduzido pela sedução viril da família e da escola por sobre sucessivos estereótipos machistas. Desta forma, eles são mantidos alheios aos afetos que os mobilizam e, portanto, embotam a sensibilidade que lhes é características. Um menino é educado nas precariedades de um cárcere, para quando crescer se tornar seu próprio carcereiro.

Constatamos este fato no comportamento social do homem e nas cobranças a ele impostas: homem que é homem não foge da briga; não recusa uma mulher; não tem só uma mulher; não apanha; não chora pela mulher que o deixou – se vai uma vem mil; topa qualquer parada. Esta cobrança social impõe ao homem um comportamento que o exclui da relação existencial, isto é, do encontro consigo mesmo e com o outro, criando conseqüências sérias para os relacionamentos humanos.

Woodward (2000, p. 31), coloca que, como indivíduos, podemos passar por experiências de fragmentação nas nossas relações pessoais e no nosso trabalho. Acrescenta, ainda: a etnia e a “raça”, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação.

Este cenário vem mudando. Há autores que colocam como marco inicial destas transformações o movimento “hippie”, em que o papel do homem era mais livre destes dogmas e ele se permitia estabelecer uma nova relação consigo, com a família e seus filhos. Hoje, existem grupos de homens que contestam, analisam e refletem, em espaços próprios, as cobranças sociais, seu papel de homem e de macho na reprodução dos modelos arcaicos e patriarcal.

Alguns movimentos liderados por artistas, como a Jovem guarda, a Tropicália, vieram contribuir para libertar o homem desses dogmas e trazer maior flexibilidade ao seu papel na nossa sociedade.

Sempre falamos na opressão feminina, mas não podemos esquecer que, quando criamos formas de pensar e agir que nos aprisiona e nos afastam de nós, estamos criando formas de ser frustrantes, opressoras e limitadoras onde todos perdem, pois o homem não é oposto da mulher, nem vice-versa, mas se complementam neste intercambio de trocas e encontros que só enriquece quem se disponibiliza a vivenciá-lo.

Para ser considerado homem, o indivíduo deverá pagar um caro tributo que, significa abrir mão de reflexões, encontro existencial e compreender a si e ao mundo de forma singular. Expressões como “pode vir todas que dou conta” por “pode vir quente que estou fervendo”, “eu sou é macho”, “não sou mais macho por falta de espaço”, mesmo quando utilizadas como brincadeiras, expressam uma situação de dúvida sobre o grau de comprometimento do indivíduo com sua identidade.

Nolasco (1995, p. 103-104), mais uma vez, reforça como a sociedade escreve e determina o modo de ser do indivíduo:

Um homem não escolhe o que ele quer ser, isto já foi feito socialmente, e a ele resta senão conformar-se e endossar, quase sob forma de uma crença, o que compreende pelo significado de ser um homem. Até então o “destino” dos homens tem sido repetir e reproduzir, como boas matrizes reprodutoras, os valores sociais vigentes.

Na busca pelo reconhecimento social, o homem termina por abrir mão de ir em busca de si mesmo, e com isso se autodefinir. A dificuldade em expressar seus afetos num relacionamento retrata uma identidade construída sobre a dúvida a respeito de quem é. Enfim, para vivenciar um encontro existencial, afetuoso e singular será preciso estarmos definidos sobre quem somos e definidos em termos de nossa identidade. Assim, o jogo da entrega e do encontro poderá se concretizar.

Estamos o tempo todo falando da identidade e diferença. Achamos importante tentar explicar os termos Woodward (2000, p. 17), coloca:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representações constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Identidade, portanto, é aquilo que se é: “sou homem”, “sou brasileiro”, “sou negro”. E a diferença é o que o outro é: “ele é branco”, “ele é velho”, “ela é mulher”.

Silva (2000, p. 74), esclarece:

É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros.

Woodward (2000, p. 38), acrescenta que: “As identidades são produzidas em momentos particulares no tempo”. Claro que esse tempo está compreendido dentro de um contexto sócio-cultural o qual favorece o surgimento das representações.

Este lugar construído vem servir à sociedade em sua demanda e representação. A mídia, através das telenovelas, reproduz formas de relacionamentos entre homens e mulheres

mostrando modelos arcaicos. O homem sempre está representado como o forte, o sedutor, o conquistador e a mulher como conquistada, frágil e emocionalmente carente.

Sempre que nos vem à mente a imagem do pai, descrevemos o modelo tradicional que se apóia em imagens rígidas, distantes, autoritárias, punitivas, fortes, limitadoras e castradoras. Isto está muito distante do ideal de pai, cuja relação seria um encontro entre pai e filho.

Este modelo tradicional de pai está sendo “desconstruído” devido ao surgimento de novos pais, que também encontram dificuldades em relacionar-se, já que trouxeram as carências vividas pelo papel de serem filhos e, estão vivenciando na época atual o surgimento de seus filhos com demandas próprias em novos espaços e com direito à voz.

Uma forma de inserção do homem no universo masculino passa pelo estatuto de ser pai. Confirmamos essa afirmação com Nolasco (1995, p. 150):

Homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte, mesmo que sejam meras ficções sutis, utilizadas para controle e normatização da subjetividade dos indivíduos. Juntas, definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens.

As denominações de pai provedor, chefe de família, autoridade máxima, reforçam a imagem socialmente construída de um homem, ao mesmo tempo em que exigem uma perfeição e afastamento afetivo do homem com os seus filhos e mulher. Nolasco (1997, p. 151-152), reflete sobre essas exigências e afirma que a violência dentro da família pode estar ligada à incapacidade do homem para cumprir “tão nobres” exigências. A autora acrescenta:

Para quem cresceu descobrindo-se no vazio das possibilidades de encontros afetivos, com um pai que dificilmente aparecia. Por sua vez, a imagem de um pai grandioso é reforçada pela apologia de uma “mídia moral”, produzida a partir da crença na existência de alguém que é considerado bom, mas se revela distante e castrador.

Para que um homem crie possibilidade de encontro com seus filhos, precisará, antes, conhecer como está estruturada e nomear a relação com seu pai. Este olhar é recente e doloroso. Primeiro porque esta busca leva o indivíduo a romper com fantasias infantis sobre a figura do pai, vê-lo com seus medos e fragilidades e, ao mesmo tempo, se reconhecer na reprodução criada e adotada por si mesmo.

Nolasco (1995, p. 157), cita Dupuis para reforçar tal afirmação:

Hoje, para um homem, é tensa a discussão sobre a paternidade; ela gera sentimento de estranheza e mal-estar, na medida em que o faz contactar suas próprias experiências passadas. Avaliar a paternidade é, até certo ponto, reviver situações em que se experimentaram emoções primitivas de abandono e de temor do aniquilamento; por esta razão os homens têm dificuldades de resgatá-las.

As análises sobre a paternidade têm tido várias contribuições. Dentre elas citamos: a psiquiatria, a psicanálise, a sociopolítica e mitologia. Todas concordam que a ausência do pai traz conseqüências desastrosas para a estabilidade emocional e o engajamento social do filho. Parseval (1987) comenta: o que sabemos hoje sobre a paternidade é a ponta de um “iceberg” que só agora começa a surgir. E acrescenta: Precisamos encontrar maneiras da paternidade. Dar sentido à vida dos homens. Assim, ela pode servir de fio condutor para experiências vivas e plenas de encontro com os filhos, que possibilitarão descobertas e crescimento.

Até um pouco antes da revolução industrial a mulher tinha suas atividades restritas ao lar. O homem era o grande provedor. Depois, a mulher precisou trabalhar pela necessidade de manter os filhos na ausência do homem, quando este precisou ir à guerra, ou devido à ocorrência das separações e foi ganhando espaço. Hoje, não há nenhuma ocupação exclusivamente masculina.

Dorais (1998, p. 78), coloca com muita adequação:

A chegada em massa das mulheres ao mercado de trabalho afetou de muitas maneiras a identidade masculina. Primeira constatação: não há mais ofícios restritos aos homens. A dessexualização permitiu que as mulheres ocupassem terrenos outros reservados aos homens.

Estes fatores causaram profunda transformação na identidade masculina. Com o papel de provedor vinha o status e o controle da situação familiar. Às vezes, o relacionamento sobrevivia pela dependência financeira da mulher e a necessidade de criar seus filhos.

O fenômeno do desemprego e a instabilidade econômica vêm contribuir para agravar ainda mais esta crise de identidade masculina.

O homem sem trabalho perde o status social que, num mundo capitalista, está ligado ao lugar que ele ocupa na produção de bens e serviços. (DORAIS, 1998, p. 19)

Podemos afirmar que o conceito de homem e mulher em sexos opostos é tão antiga e está tão sedimentada em nossa cultura que seria fantasioso imaginar uma ordem diferente. Estamos acostumados a pensar no masculino e feminino como opostos.

Esses estereótipos são modelos pré-fabricados que estreitam e delimitam o que é ser homem e o que é ser mulher. Não deixa espaço para a inovação, para a exploração de todas as possibilidades em um encontro. Tanto o homem quanto a mulher fixam-se em um papel determinado pela sociedade.

O ideal é que cada um possa experimentar seu potencial emotivo, comportamental e relacional, de acordo com suas necessidades e conveniências.

Até hoje se discute se na constituição das famílias em tempos remotos houve uma soberania do matriarcado sobre o patriarcado.

Na história sempre é colocada a força do homem e sua destreza para pescar, caçar e guerrear e a mulher como a colaboradora na criação dos filhos e execução das tarefas domésticas. Até nas estórias infantis comprovamos a ênfase na força física masculina, como protótipo de poder e na fragilidade feminina, dando a ela um lugar mais reservado – o lar. O homem, portanto, sai da esfera do lar (interno/privado) para o exterior, a coletividade.

Constatamos, através desses fatos, que a divisão de tarefas era bem clara e estabelecida, tendo em vista a constituição física e a cultura que preparava a mulher para exercer atividades mais leves.

Hoje, percebemos que esses limites estão cada vez mais imprecisos. O homem já não precisa usar tanta força física em suas atividades e a mulher conquistou o direito às atividades públicas.

Hoje assistimos a um intercâmbio de contornos imprecisos entre as funções de uns e de outros. A delimitação das tarefas que se espera que homens e mulheres desempenhem vai se extinguindo progressivamente e não se tem clareza a respeito de que afazeres são específicos, próprios de uns e de outros. Não existe uma referência precisa, não se sabe quem deve fazer o quê e quando. As atribuições que durante tanto tempo foram definidas pela natureza se tornaram difusas. Os afazeres que normalmente cabiam às mulheres hoje já são assumidas pelos homens, e vice-versa. Os jovens já não aceitam como modelo para a distribuição de tarefas entre os membros do casal aquele fornecido pelos pais ou pelas gerações que os antecederam. (RAMOS, 2003, p. 58).

Qual o significado dos papéis nesse novo contexto? Como serão conduzidos os relacionamentos? Nesse novo cenário homem e mulher estão sem referência. O antigo modelo não serve mais e o novo ainda não está bem definido e é preciso maturidade e uma nova postura para assumi-lo.

A constituição biológica sempre foi evocada como um elo de complementariedade entre homem e mulher. No entanto, vimos o surgimento de novas formas de procriação que até essa crença coloca em xeque. A inseminação artificial, a fecundação assistida e a “a barriga de aluguel”, põem por terra o papel do homem como necessário na procriação, e torna-se dispensável. Essa complementariedade se distancia do contato físico e é substituída pela manipulação genética. Os avanços tecnológicos trouxeram considerável contribuição para casais inférteis ao mesmo tempo em que desmistificam a importância e a necessidade do encontro entre os sexos para procriação.

A família, por sua vez era, o espaço voltado à execução dos papéis bem definidos. Hoje os relacionamentos são mais flexíveis com graus de liberdade cada vez maiores para os parceiros.

Os casais se separam com maior frequência e formam novas famílias. Os parceiros homossexuais são mais aceitos. A estrutura tradicional de família foi modificada e vários fatores contribuíram para essa transformação, como:

A inserção da mulher no mercado de trabalho e o desenvolvimento tecnológico. A descoberta da pílula anticoncepcional por um lado permitiu o controle da natalidade, mas por outro possibilitou à mulher relacionar-se mais livremente com sua sexualidade. O movimento feminista provocou, além disso, uma tomada de posição da mulher frente a seus direitos e levou-a a ter uma postura mais ativa e participante tanto dentro como fora de casa. (RAMOS, 2003, p. 61).

As repercussões para o relacionamento do casal foram enormes. O homem passou de provedor do sustento material da família a compartilhar seu poder com a companheira. Hoje ele não é mais o único sustento material. A mulher, por sua vez, compartilha seu domínio no lar e na criação dos filhos com seu companheiro.

Os modelos idealizados de ambos mudaram e até tornaram-se confusos. Antes o bom homem era trabalhador, sem vícios e dono de casa. A mulher “boa dona de casa” cuidava da casa, dos filhos, do marido e exercia as tarefas domésticas com distinção.

Os casais dizem não quererem o antigo modelo para seus relacionamentos, no entanto, os padrões antigos e novos se misturam. A mulher exige participação do marido nas tarefas domésticas e na criação dos filhos. Mas, quer também contar com um homem provedor que sustente a casa enquanto seu dinheiro é usado para satisfação própria ou dos filhos. Os homens querem companheiras atuantes e que trabalhem, ao mesmo tempo em que exigem delas empenho no lar e nas tarefas domésticas.

A mulher deseja ter a seu lado um homem sensível, até certo ponto romântico, que seja capaz de lidar com seu mundo interno, e que se disponha a discutir a relação quando necessário. Entretanto, para gostar dele e admirá-lo, precisa também idealizá-lo: quer que ele seja empreendedor, capaz de correr riscos – sem exageros-, e, de superar desafios; deseja ainda que seja bem-sucedido profissional e economicamente e, além disso, espera que tenha tempo e disposição para cuidar dos filhos. Espera ainda encontrar no parceiro, um porto seguro em meio às intempéries da vida. (RAMOS, 2003, p. 62).

O homem também se contradiz quando quer uma companheira participativa no orçamento doméstico, mas não aceita quando ela tem que trabalhar até tarde, viajar a trabalho ou ganhar mais que ele. A maior ameaça vem quando o homem desempregado vê sua companheira sustentando a casa e mantendo um emprego que traz status e reconhecimento social.

Homens e mulheres foram criados em uma cultura que idealiza o casamento. Em quase toda estória infantil termina com a fêmea encontrando seu “príncipe encantado” e vindo a frase final: “e foram felizes para sempre”. Na vida real é diferente. Quando um casal é formado novas configurações surgem novos desafios. Ambos vieram de famílias distintas. Possuem ritmos diferentes e expectativas, sonhos, modos de ser e de agir diversos. Precisam respeitar o próprio ritmo e o do parceiro. Não constroem um relacionamento juntos para daí constituir uma família. O desafio é constante. Não encontramos relacionamento pronto. O processo acelerado da vida moderna não espera. Os casais esperam muito do casamento e de si próprios. Desejam encontrar apoio, proteção, cuidados, companheirismo, reconhecimento. Têm muita necessidade em receber e pouca disponibilidade para dar.

A pós-modernidade privilegia o individualismo e se caracteriza pela velocidade. Buscam-se resultados e respostas imediatos e tudo tem que ser conquistado rapidamente; do contrário perde o sentido. As regras da sociedade de consumo infiltram-se no

imaginário das pessoas, que passam a valorizar o que têm e não o que são. Desde essa perspectiva, sobra pouco espaço para cuidar de uma relação – que requer tempo, paciência, desprendimento e solidariedade para ser construída e consolidada. (RAMOS, 2003, p. 63).

O que se busca é um relacionamento mais equilibrado, onde um não imponha ao outro seu jeito de ser. Para isso, os casais precisam ter consciência da importância da construção conjunta. Para isso, o respeito, a consideração, o apoio, o companheirismo, o diálogo se fazem necessários. Resta saber se as pessoas terão paciência de se disponibilizarem a construir juntos. Precisarão de maturidade e equilíbrio em uma época conturbada e acelerada. Não adianta sair de uma relação e entrar em uma nova se carregamos os valores antigos e conceitos ultrapassados. Será então um eterno retorno de encontros e desencontros.

Educar para exercer bem a sexualidade é antes de tudo educar para as emoções. O homem vivencia sua sexualidade dissociada das emoções; experimentar e manter a afeição, o amor, o envolvimento é um processo de aprendizagem e consentimento. A sociedade precisa permitir que o homem continue com sua identidade masculina ao mesmo tempo em que desenvolve suas emoções.

Curiosamente, a educação à vida emocional ainda produz mais medo que a educação à sexualidade. Falar de amor, de ternura, de envolvimento, é falar de valores. E nós vivemos numa cultura que tem horror a discutir valores. (...) Por exemplo, ensinar que o impulso sexual é incontrolável não tem as mesmas conseqüências que afirmar nosso poder de dominá-lo. (DORAIS, 1998, p. 58).

As emoções masculinas estiveram, durante tanto tempo, reprimidas que os homens se acostumaram à distância e frieza afetiva. Hoje, mesmo com todo o movimento em prol de uma nova ordem, não é fácil deixar este antigo modelo. Afinal, os homens se perguntam – que homem surgirá daí? Serei competente nesse novo papel? Terão que pagar para ver. Afinal, a mudança assusta e ameaça. no entanto sem ela não há o novo.

Quando vamos imaginar o novo homem, vêm-nos à mente representações antagônicas do “antigo homem”. O novo homem passa a ser o oposto do velho e continuamos a utilizar o modelo antigo para formar o novo. Antes tido como forte, distante e frio; hoje já entra em contato com seus afetos, no entanto, nos questionamos se, esta nova identidade não é também

produzida e o homem não estaria, mais uma vez, se deixando conduzir sem questionamentos e discussões.

Este movimento do homem não se pode chamar de movimento social, está mais para uma luta individual e própria de alguns homens, diríamos até tímida. Não é só mudando de atitude, que foi credenciada pela sociedade, que o homem, finalmente, está em contato consigo mesmo. Claro que já é um passo importante. Mas o homem precisa ampliar seu espaço de discussão e encontro que possibilite questionar seu lugar de poder, de macho, de pai, marido, partindo do seu lugar anterior de filho. Concluimos com uma afirmação de Nolasco (1995, p. 177).

Em síntese, o impasse que hoje se coloca para os homens não se situa somente em nível de uma revisão ideológica do que é o masculino, tampouco da forma como os homens realizam suas práticas sexuais, mas sem dúvida ele se situa no esforço a ser despendido pelos homens em integrar estes dois níveis a um outro que não é valorizado por eles: os afetos.

Continuaremos com nosso trabalho, contextualizando o cenário da pesquisa.

5. CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO DA PESQUISA

5.1 Caracterização da cidade de Paulo Afonso

Estes dados que iremos descrever encontram-se no IBGE-(2000). Faremos um breve histórico de acordo com síntese da leitura realizada por mim.

Paulo Afonso é um dos 5.561 municípios brasileiros e fica localizada na região Nordeste da Bahia, na microrregião do Sertão de Paulo Afonso.

O clima dominante em sua área municipal é o mesmo de todo Nordeste baiano, o tropical do tipo semi-árido.

Esta é uma das áreas brasileiras com maior grau de exposição aos raios solares. O Sertão tem sido alvo de prolongadas secas que causam danos às populações e à natureza com altas temperaturas.

5.2 Histórico da Cidade Paulo Afonso

Intimamente ligada ao Rio São Francisco, a história do município de Paulo Afonso pode ser entendida a partir do dia três de outubro de 1.725, data em que o sertanista Paulo de Viveiros Afonso recebeu uma sesmaria nas terras da Província de Pernambuco cujos limites eram as quedas d'água. Estendendo seus limites para além da cachoeira, o sertanista teria criado já em terras baianas, o arraial que ficou conhecido como Tapera de Paulo Afonso. Essa é a versão aceita para a origem do nome do município, uma vez que a Cachoeira ficou também conhecida como Cachoeira de Paulo Afonso. Existem registros oficiais da época em poder do Arquivo Nacional.

Embora banhada pelas águas do Rio São Francisco, a região que deu origem ao município de Paulo Afonso encontrava-se encravada no sertão nordestino, o que viria a tornar as condições de vida extremamente difíceis para seus habitantes. Ponto de passagem de boiadas, pequenos núcleos residenciais formaram-se em alguns pontos próximos à margem do Rio São Francisco. Alguns destes núcleos deram origem a bairros do município atual.

O município, propriamente dito, começou a surgir efetivamente com as obras para construção das usinas da CHESF, a partir do ano de 1948, época em que a oferta de trabalho atraía grandes contingentes das mais diversas regiões, principalmente do Nordeste.

A CHESF oferecia boas condições aos seus empregados, inclusive, moradia em áreas restritas e controladas pela empresa conhecidas como acampamentos, que na época obedeciam a padrões distintos. Na vila operária, moravam os operários com menor grau de instrução. No “bairro” residiam engenheiros, médicos e ocupantes de cargos mais elevados dentro da instituição. Aqueles ainda não beneficiados com emprego aproveitavam sacos de cimento para confeccionarem as paredes e coberturas de suas residências. O nome da marca do cimento, então, utilizado nas obras de construção das usinas dá nome à localidade: “*Vila Poty*”.

Naturalmente, com a chegada de mais gente para o local, começava a surgir uma pequena estrutura comercial para atender às necessidades dos moradores. Ali começava a cidade de Paulo Afonso. Nessa época, pertencente ao município de Glória, o então Distrito de Paulo Afonso, já contava 25 mil habitantes.

5.3 Características do Município

Com acesso pela BR 110, BA 210 e BR 324, distando 450 km da capital do Estado, o município de Paulo Afonso tem uma área de 1.018 km², está a 243 metros acima do nível do mar e registra uma temperatura média anual de 26° C. A vegetação predominante é a Caatinga. Encontra-se localizado na microrregião conhecida como sertão de Paulo Afonso no nordeste da Bahia. Fazendo divisa com os Estados de: Alagoas, Pernambuco e Sergipe. Paulo Afonso é o pólo natural de uma região que compreende 40 municípios.

O município é caracterizado pela produção de energia elétrica, gerada pelas usinas hidrelétricas Paulo Afonso I, II, III e IV, de responsabilidade da CHESF. Na pecuária, destacam-se o rebanho caprino e ovino. É ainda produtor expressivo de mel de abelhas, e grandes projetos de piscicultura.

Dentre as suas características, a vocação turística, atualmente, apresenta grande expressão. A Cachoeira de Paulo Afonso, o Rio São Francisco e seus “canyons”, o complexo de usinas hidrelétricas, um dos maiores do mundo, a gastronomia típica, o folclore e o artesanato de origem indígena embasam a potencialidade turística local.

5.4. População do Município

Segundo o censo do IBGE-2000, o município possui uma população geral de 96.499 habitantes, dos quais 82.584 estão na zona urbana. E na zona rural uma população de 13.915. De forma que o município de Paulo Afonso, com base na Fonte: SESAB/2003, possui aproximadamente 7.654 idosos entre homens e mulheres, ou seja, 7,76% de sua população é composta por idosos.

Após contextualizar o cenário da pesquisa, abordaremos no capítulo seguinte, os objetivos: geral e específicos e a metodologia utilizada.

6. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO ESTUDO

6.1. Objetivos

Geral:

- Investigar, na perspectiva do idoso do sexo masculino, inseridos ou não em um projeto para idosos, sua percepção dos papéis vivenciados ao longo do ciclo vital da família.

Específicos:

- Compreender o papel representado pelo idoso na família como filho, esposo, pai e avô (caso o seja);
- Identificar como foi vivenciada pelo idoso a mudança de tratamento em relação a si, por parte da família e da sociedade;
- Estudar a percepção que o idoso tem das transformações ocorridas ao longo do ciclo vital da família.
- Assinalar as diferenças porventura existentes entre os grupos pesquisados.

6.2. Metodologia

6.2.1. Participantes

Participaram da pesquisa doze idosos do sexo masculino, a partir de 60 anos, casados, viúvos ou separados, camada social média, da área urbana, vivendo com família e inseridos na comunidade. Seis dos entrevistados participam do Projeto da Faculdade (Universidade Aberta à 3ª Idade) e seis idosos não freqüentam o projeto, porém residem na comunidade.

Salientamos que estes idosos vieram de várias cidades circunvizinhas a Paulo Afonso, quando da construção e implantação da CHESF - Companhia Hidroelétrica do São Francisco, a maioria iniciando suas atividades como operários e ascendendo na escala funcional até a aposentadoria, com rendimentos variando em torno de R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00. Estes rendimentos caracterizam pessoas de classe média na referida cidade.

Foram dados nomes fictícios aos participantes para preservar sua identidade.

Em virtude da dificuldade de classificarmos “camada social” através de parâmetros pré-estabelecidos pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, optamos por definir, neste trabalho, nossos próprios parâmetros tendo em vista as peculiaridades regionais do cenário da pesquisa. Sendo assim, estabelecemos os seguintes critérios: renda mensal dos idosos entrevistados, incluindo outros bens tais como: propriedade, pequeno comércio, casa própria (saneada com água e luz) e aquisição de: TV, som, máquina de lavar, computador, ar-condicionado, geladeira, ventiladores, automóvel.

Segundo Oliveira (2004), entre a burguesia e o proletariado encontram-se outros grupos que se movem entre as duas camadas fundamentais. Alguns desses grupos são chamados genericamente de classes médias, ou pequena burguesia.

A pequena burguesia constitui um setor muito numeroso, que abrange desde o dono de um pequeno armazém até os pequenos e médios proprietários de terra, passando por todos os assalariados que trabalham em escritórios, funcionários públicos e profissionais liberais. (OLIVEIRA, 2004, p. 126).

Oliveira (2004, p. 242), ainda define classe social como sendo o grupo relativamente homogêneo de pessoas que desempenham o mesmo papel no processo de produção ou de circulação das riquezas, têm profissões assemelhadas e relacionam-se da mesma forma com o sistema de propriedade dos meios de produção em uma sociedade. Esses trabalhadores não têm uma relação de propriedade com os meios de produção. Já a classe burguesa, ou capitalista, é formada pelos detentores da propriedade dos meios de produção e de circulação das riquezas.

6.2.2. Instrumentos

Realizamos uma entrevista composta de dez questões relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa e dos dados sócio-demográficos (ANEXO I).

6.2.3. Procedimento de coleta de dados

Os idosos foram entrevistados individualmente, em uma sala apropriada, pertencente às associações de idosos. As entrevistas foram gravadas pela pesquisadora. A entrevistadora se apresentou, bem como falou dos objetivos da pesquisa, solicitando a sua colaboração e

assinatura do termo de consentimento (ANEXO II). Vale salientar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNICAP (ANEXO III).

6.2.4. Procedimento de análise dos dados

As entrevistas foram analisadas de acordo com a técnica de Análise de conteúdo, (BARDIN, 1979), sendo levantados os temas mais relevantes a partir da fala dos entrevistados.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1. Análise Geral dos Dados

Foram entrevistadas doze pessoas do sexo masculino, sendo seis do Projeto Reviver da Faculdade Sete de Setembro/BA (Universidade Aberta a Terceira Idade) e seis da comunidade. A faixa etária abrangida foi de 61 a 80 anos. Não encontramos resistência de nenhum dos grupos para responderem à pesquisa. No entanto, um idoso da comunidade se recusou a responder as perguntas relativas aos filhos. Depois ficamos sabendo que um filho que reside com ele e a esposa atual não se dão bem chegando ao extremo deste filho ter agredido fisicamente a madrasta.

Dois idosos, viúvos, da comunidade residem sozinhos são assistidos por um dos filhos que moram perto. Os outros idosos, um divorciado e dois viúvos do Projeto Reviver casaram novamente. Mesmo não sendo uma pergunta indicada no questionário, constatamos que as companheiras, quando tinham, eram mais jovens.

Dois fatos são confirmados neste momento: a facilidade de recasamento do homem quando viúvo ou separado e a constância, incentivada pela cultura, de homens mais velhos casarem com mulheres mais jovens.

Quanto à caracterização da estrutura familiar dos idosos entrevistados, foram consideradas as seguintes variáveis: tipo de família; renda familiar; idade, sexo; escolaridade, profissão, estado civil, religião. É interessante a constatação da maioria dos idosos do Projeto Reviver constituírem famílias extensas. Já entre os idosos da comunidade 50% das famílias são grandes e 50% são famílias nucleares com um filho por média. No entanto, no momento atual dois idosos, viúvos, da comunidade, residem sozinhos, os outros residem com companheiras, filhos e netos.

Os idosos do Projeto Reviver citam a predominância de filhos e netos ainda em casa ou que tenha saído de casa há pouco tempo para trabalhar em outra cidade.

Todos os idosos entrevistados referiram à saída dos filhos para estudarem e/ou trabalharem em outras cidades. Também enfatizaram seu sacrifício para que os filhos

estudassem. Os idosos do Projeto Reviver se destacaram quando mencionam a formação escolar dos filhos que, em sua maioria, chegaram à universidade.

Observamos que os filhos que residem com os idosos estão desempregados e/ou descasados. A religião católica predomina nos dois grupos.

Seis categorias principais nortearam a análise dos dados obtidos. Estas categorias foram destacadas pela sua significância de papéis desempenhados pelos idosos na família em período diferentes.

1. Fase inicial do casamento e surgimento dos filhos

A fase inicial do casamento se caracteriza pela preocupação do casal em adquirir bens e se estruturar, financeiramente, para a chegada dos filhos. O homem se vê como responsável para trazer o sustento da casa, nem que para isso tenha que trabalhar em outra cidade ou em turnos desgastantes ou até em atividades insalubres se foi só essa atividade que apareceu. O papel do homem continua sendo, para os nossos entrevistados o de provedor e dono de casa. A mulher é responsável pela limpeza, harmonia, cuidados domésticos e criação dos filhos.

Cervený (1997), sustenta quando caracteriza a família a primeira etapa como : “Família em fase de aquisição” que, segundo a autora, engloba o nascimento da família pela união formal ou informal.

Observamos em todo grupo pesquisado o seguimento das normas sociais e o cumprimento dos papéis ditados socialmente. Casaram de acordo com o estabelecido. Procuraram viverem juntos e criar seus filhos, mesmo que para isso tivessem que executar trabalhos estafantes e passar muito tempo fora de casa. O surgimento dos filhos veio trazer legitimidade à união e visibilidade social. O papel, como se poderá constatar, está bem definido. O homem preocupa-se exclusivamente com o sustento e em ser o referencial de autoridade no lar, até porque está reproduzindo os papéis de sua família original. Sempre se referem aos pais como muito tradicional, impositivo e o representante máximo da família, onde não havia espaço para o diálogo nem questionamento. Nota-se certa reprodução desse lugar mesmo quando questionam seus pais.

No capítulo “O Homem Contemporâneo”, encontra-se demonstrado como o cotidiano do homem desde seu nascimento está permeado de características como forte, provedor,

autoridade, afastando-o de si mesmo e criando uma dicotomia entre ser homem e a expressão dos afetos.

Os recortes, que seguem, testemunham bem a fase inicial do casamento e a nova demanda para criar os filhos. Tornam bem claros os papéis de ambos os cônjuges.

... Foi boa. Era boa. Eu queria viver como solteiro, mas depois eu parei ... (Sr. André, 61 anos, Grupo Reviver).

... com a vinda dos filhos pesou mais. Tive que sair da cidade para poder criar eles. Meus filhos quem criou mais foi minha esposa. Eu não tinha tempo. (Sr. André, 61 anos, Grupo Reviver).

... casei a primeira vez a esposa, com um ano e três meses, faleceu. Ai eu casei a segunda vez. Eu casei em São Paulo. Eu morava lá. No início é tudo difícil, né? Eu já tava com a casa montada foi difícil, mas no segundo casamento foi mais fácil. Agora o primeiro foi um pouco difícil e solteiro lá não junta dinheiro não, né? É só pra farrear. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Quando o filho chegou a gente se esforçava muito pra ele se formar, né? Fez o segundo grau aqui ai fez vestibular em Recife. Passou em enfermagem. Hoje, tá trabalhando. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Eu casei com a primeira. Não deu certo e a gente se separou. Casei com a segunda e tô com ela até hoje. Nós temos seis filhos. Da primeira tenho 3 filhos. (Sr. Antonio, 71 anos, Idoso da Comunidade).

Não ajudei muito na criação. Ficava com a mãe. Eu vivia trabalhando. (Sr. Antonio, 71 anos, Idosos da Comunidade)

Quando casei foi difícil. Passei um bocado de tempo rolando. Só casei quando saí da CHESF. Peguei a conta e comprei as coisas. Até o primeiro filho foi difícil. A vista de quando comecei e casei, hoje ta melhor. (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade)

Quando os filhos chegaram foi meio difícil. Pagava alugue e na época eu ganhava pouco. A vida era dura no início. Ainda hoje eu lembro quando casei. Nem televisão tinha. Depois a gente saiu do sufoco. Eu fiz de tudo e comprei uma. A pessoa começa. Hoje não, está tudo mais fácil, mas há vinte tantos anos atrás... E também a cidade tava iniciando, era tudo mais difícil naquela época. (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade).

Depois que eu casei, fiquei morando mais meu pai. Não pude fazer uma casa pra mim. Depois é que fui morar com ela só. A convivência era boa. (Sr. Josias, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Quando o filho chegou a mulher dizia o que precisava e eu tinha que correr atrás, né? Arrumar o que precisava. (Sr. Josias, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Meu casamento foi uma maravilha. Não tinha coisa melhor não. Era uma mãe. Eu tinha comida pronta, a roupa toda feita que ela era costureira, roupa toda lavada. Eu não tinha trabalho para nada. Era uma mãe. (Sr. Valdemar, que ficou viúvo, 75 anos, Idoso da Comunidade).

Muito bom com relação ao sossego, mas com relação à vida financeira foi um pouco difícil, pois não tinha casa, e morava na casa do sogro, de parentes e amigos, pois minha mãe também não podia ajudar pois morava em casa de “taipa”. (Sr. João, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Meu casamento foi uma bagunça. Na época eu trabalhava viajando na linha de transmissão da CHESF e meu casamento já tinha corrido os banhos. A CHESF me mandou pra Lagarto/SE e o pai dela ficou brabo e disse por mim esse casamento não tem mais. Todo mundo tinha medo do velho. Eu fiquei calado. Quando cheguei lá mandei uma carta pra ela dizendo que por mim ainda estava noivo. Ela me respondeu que também queria continuar. Eu casei só quando tirei férias e foi na quarta-feira de cinzas. Eu ia pra casa dela. Ficava lá até 10:00 horas da noite e passava a noite brincando carnaval. E depois do casamento eu morto de sono fui dormir na casa da minha mãe e ela pra casa das amigas. (Sr. Jair, 70 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Pelos relatos, os idosos entrevistados afirmam que na fase inicial do casamento o relacionamento era bom, mesmo admitindo dificuldades financeiras. Na época que casaram, tanto o homem quanto a mulher sonhavam em construir sua família. Era um ritual de passagem para a vida adulta e responsável. Geralmente os casamentos ocorriam entre os 16 aos 22 anos, uma fase jovem. Os pais tinham a palavra final na aprovação do namoro, principalmente o pai. Em um dos relatos em que o pai da noiva afirma que “*por ele o casamento não tinha mais*” o entrevistado acrescenta: *todo mundo tinha medo do velho*. O idoso era quem dava a palavra final e as pessoas tinham que acatar, nem que fosse por medo. Foram claros ao afirmarem a dificuldade financeira inicial e alguns passaram um tempo nas casas de parentes e amigos. Preocupam-se na época, em conseguir casa, móveis e estabilidade

econômica, principalmente quando surgiram os filhos. Tudo isto confirma as tarefas da fase de aquisição, conforme a Teoria do Ciclo Vital (Cervený et col, 1997).

2. Educação e crescimento dos filhos

A educação dos filhos, geralmente, é ainda função da mulher ou da professora na escola, com pouca intervenção do homem. Normalmente, o papel do homem é buscar o sustento e a manutenção da família. Com o crescimento dos filhos, outras preocupações surgem, como a formação educacional, o casamento, a inserção deles no mercado de trabalho, os netos e a volta deles para casa, quando encontram dificuldades de se firmarem no mercado de trabalho ou se descasam. Confirmamos aí a importância do idoso nesse processo desempenhando o papel de agregar, apoiar emocional ou financeiramente e o porto seguro nos momentos de crise (Dias; Silva, 1999). Além disso, confirmamos a teoria do “ninho recheio”: a permanência dos filhos ou o retorno destes à casa dos pais por dificuldades diversas (Warner, 1998).

É na convivência familiar que se reproduz os papéis e se subjetiva os novos membros. Constatamos, durante a educação dos filhos, uma reprodução da postura de seus antepassados. Alguns chegaram a bater nos filhos, mesmo quando admitem não ter dado certo. Outros só aconselhavam até porque não concordavam com a postura dos pais em bater. Outros, deixaram para as mulheres essa tarefa, inclusive passando a autoridade para a professora na escola. Percebe-se, nestes contextos, a falta de diálogo pai-filho e a vivência dos papéis estabelecidos sendo cumpridos de forma natural, sem questionamentos.

Conselhos dava só que não vogou muito. Bati, só duas vezes. Bati mas não deu jeito. (Sr. André, 61 anos, Grupo Reviver).

Rapaz, pra falar a verdade, eu nunca fui de castigar. De dá castigo não. “Às vezes a professora chegava reclamando”. Olhe lá em casa eu mando, mas aqui vocês é que resolvam. A professora resolvia lá com ele. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Quando era pra brincar, brincava: quando era preciso castigava e até hoje não me arrependo de nada. (Sr. Geraldo, 72 anos, Grupo Reviver).

Quando era preciso sentava e conversava com eles. Nunca bati. (Sr. Euclides, 73 anos, Grupo Reviver).

Dava um castigozinho, mas era mais conselho. Apesar de que filho hoje não é essa grande coisa não. É diferente do outro tempo. No outro tempo bastava o pai olhar e eles já

mudava de sentido, mas hoje eles já querem reagir. Mas a maioria é errado e não se conforma. (Sr. Antonio, 71 anos, Idoso da Comunidade).

Ela foi uma pessoa que nunca precisou apanhar. Nem a mãe bateu, nem eu. Graças a Deus ela sempre foi muito quieta. (Sr. Valdemar, 75 anos, Idoso da Comunidade).

Castigo era um bolo com a palmatória e não podia sair de casa. (Sr. Anchieta, 80 anos, Idoso da Comunidade).

Eu batia nele porque ele mentia. Esses jovens são difíceis. Eles acham que são certos. Hoje vivo brigando com eles. O mais velho é melhor. O mais novo me dá mais trabalho. (Sr. Ivanildo, 63 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Pelos relatos percebemos que quando os filhos eram crianças, mesmo em uma época difícil, quando tinham que lutar pela sobrevivência material, era mais fácil o relacionamento. A mulher se incumbia dos afazeres domésticos, da educação dos filhos, de acompanhá-los na escola ... Quando os filhos cresceram, esses idosos não praticaram o diálogo, a expressão do afeto. O relacionamento distante dificultou uma nova demanda dos jovens. Constatamos na fala dos entrevistados uma insatisfação quanto a postura dos jovens. Uns são mais enfáticos e admitem terem conflitos com os filhos até no momento atual.

Como poderia exercer o relacionamento aberto, questionador, amoroso e afetuoso sem um referencial anterior? Vieram de uma época onde o idoso tinha uma postura distante e “bastava um olhar” para intimidar a criança. Não houve espaço para o diálogo em suas vidas e eles continuam reproduzindo esse modelo.

Com o crescimento dos filhos novas demandas surgem. Voltamos a questão financeira. Sacrificam-se para darem aos filhos as oportunidades que não tiveram em suas vidas. Orgulham-se pelos filhos terem estudado e muitos terem chegado à universidade. Relembrem suas histórias pessoais, quando do início da cidade, a qual não tinha infraestrutura e “agüentaram firme”, com o intuito de sobreviverem e cumprirem seu papel de provedor responsável e pai de família.

3. Saída dos Filhos de Casa

Verificamos, nesta fase o sentimento dos idosos, de solidão, de saudade e muita luta para ajudar na inserção dos filhos no mercado de trabalho. Chegam a sacrificar seu bem-estar e até parar a construção da casa para priorizarem o sustento do filho fora de casa até que este consiga se firmar como profissional.

Quando ele saiu de casa era muita saudade, né? E um pouco de despesa também, porque nessa época a gente tava construindo aqui também. Aí eu não ia deixar ele passar fome fora, né? Paramos a construção da casa pra ele terminar os estudos. A gente morava em Jatobá, aí começamos a deixar ele morando sozinho na casa. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Nessa fase, com os filhos criados, surge uma nova demanda impulsionada pelos novos arranjos familiares: filhos descasados que voltam ao lar com seus filhos. Cerveny (1997), chamou este movimento de “pais estendidos”, significando cuidar dos filhos e dos netos. Às vezes, pela dificuldade financeira, há um regresso de toda família a família de origem, isto é, os filhos retornam com seus filhos e mulheres/maridos (noras ou genros).

Quando os filhos foram embora senti muita falta, mas eles precisavam seguir seu rumo. (Sr. Euclides, 73 anos, Grupo Reviver).

No caso dos filhos que retornaram para a casa dos pais, trata-se, de acordo com Warner, (1998), de um novo fenômeno que vem ocorrendo o do “ninho recheio”, gerado pela dificuldade dos jovens em se encaixarem em uma carreira, adiando assim, sua saída do lar. Outro fenômeno colabora com o “ninho recheio”: o retorno dos filhos descasados, muitas vezes com seus filhos, para a casa dos pais. Esta formação não é interessante para nenhuma das partes envolvidas, já que os adultos jovens gostariam de ter sua independência e a geração mais velha, os pais gostariam, nessa fase de vida, de paz e sossego.

Resido com minha esposa, uma filha que se separou e voltou pra casa e dois netos. (Sr. André, 61 anos, Grupo Reviver).

Com a saída deles a gente sente muita falta e fica pedindo a Deus e rezando, recomendando eles a Deus. (Sr. Antonio, 71 anos, Idoso da Comunidade).

Quando crescem um quer ir pra um canto, pra festas. O Mário mudou, mas ele gostava muito de festas. Sair com o carro e chegar no outro dia. A mãe ficava sem dormir. Eu dormia a noite toda com cuidado, né? (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade).

Todos são solteiros e moram comigo. (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade).

Moro com a esposa, minha filha que voltou. Não deu certo seu casamento. Uma neta, dois netos e uma bisneta. (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade).

Moro com esposa, filha e um filho que casou, separou-se e voltou para casa. (Sr. Jair, 70 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Com a saída dos filhos não senti muito porque moram vizinho. Tem um filho que mora tão perto de mim que pela manhã eu faço o café e levo lá na casa dele! (Sr. Jair, 70 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Verificamos mais uma fase importante na vida do idoso, a saída dos filhos coincidindo com a aposentadoria e as conseqüências próprias do envelhecimento. O sentimento reinante é de falta e vazio. Sentem saudades e expressam um “vazio existencial” no sentido de dever cumprido e não restar muito a fazer nessa fase de vida. Os idosos do grupo são mais otimistas e projetam planos; já os idosos da comunidade são mais passivos, não esboçaram planos nem perspectiva futuras. Desejam que seus filhos consigam emprego “que dê certo na vida”. Por isto entendem que os filhos precisam se manter e ter um bom casamento (estabilidade no relacionamento).

Nessa fase ocorre o retorno dos filhos à casa dos pais com filhos e mulher, para alguns que estão passando por essa experiência. Eles expressam preocupações, ao mesmo tempo em que se adequam a essa nova demanda. Na fala dos entrevistados, fica claro seu empenho em conciliar a situação, mas não vislumbramos, nem por parte dele próprio, reconhecimento da importância dessa disponibilidade.

Confirmamos, nessa fase, a teoria da atividade que preconiza a substituição dos papéis sociais perdidos por novos papéis. Como o de avô, provedor dos filhos crescidos e apoio emocional nos momentos de crise. Demonstrando a importância dele continuar ativo.

4. Mudanças ocorridas com a aposentadoria e momento atual

Com a aposentadoria, a pessoa passa da condição de ativo para inativo e fica fora de um contexto valorizado de trabalho. Os laços sociais se reduzem na medida que deixam de conviver com amigos e companheiros de trabalho; o dinheiro fica mais escasso quando não ganharam todos os benefícios obtidos na época que trabalhava. Geralmente, na aposentadoria perdem determinados incentivos e se reduz em média, 20% do salário. Àqueles idosos que trabalharam em empresas que possuem caixas de pecúlios complementares, ao se aposentarem, continuam com o mesmo salário, mesmo assim, nem sempre os aumentos salariais são para todos (ativos e aposentados). O tempo ocioso perturba, os papéis se reduzem. A aposentadoria é sonhada por todos, mas não é planejado o que fazer com esse tempo livre. Isso gera um tempo ocioso que vem perturbar a ordem no lar e a própria posição

do idoso diante de si e dos familiares. Esse tema foi amplamente colocado neste trabalho como um dos mais importantes geradores de mudanças, a maioria delas negativas.

Nossa sociedade limita a pessoa com a aposentadoria o que pode causar transtornos que levam ao surgimento de doenças, exclusão, isolamento e depressão.

Bosi (1987), coloca o quanto a sociedade capitalista produz formas de ser e se sentir justamente com a perda do “status” de trabalhador assalariado. O idoso continua trabalhando, mas não é valorizado na sociedade atual por não receber salário. Inclusive vivenciamos no momento atual algumas categorias que não são valorizadas em seu trabalho, como: a dona de casa, a mulher assalariada, o trabalho voluntariado.

Este é mais um papel vivenciado pelo idoso que irá mexer com sua auto-imagem e modificar suas relações sociais e familiares. Como já conceituamos, a auto-imagem é o retrato mental que cada um tem de si mesmo. Quando chegamos na terceira idade e temos que reavaliar conceitos, crenças e valores, antes aceitos e valorizados socialmente. Temos que nos adequar as medidas sociais, muitas vezes limitadoras. Antes ativo, exercendo papéis valorizados no contexto cultural, passa ao papel de inativo com redução dos laços afetivos e rede social se confronta com a sucessão dos dias ociosos e o convívio com a esposa em casa. Geralmente essa convivência gera conflitos.

Vemos nos relatos insatisfação com a ociosidade e até o surgimento de depressão e conflitos no lar. A Teoria da Continuidade coloca a importância da manutenção dos papéis e laços afetivos e afirma que aqueles idosos que não buscaram formas de se manterem ativos tendem ao isolamento e à depressão.

Já a Teoria do Desengajamento afirma que o idoso vai, cada vez mais, diminuindo o espaço de vida, isto é, interagindo menos, voltando-se mais para si mesmo. Questionamos essa teoria na medida em que a sociedade impõe limites, inclusive, com a aposentadoria. Também não vislumbramos maiores reflexões introjetivas dos entrevistados acerca dos temas existenciais. Geralmente, os idosos participantes da Universidade da Terceira Idade expressam sua satisfação em participarem do grupo e reativar interesses. Eis algumas falas:

Não mudou muito não com a aposentadoria. Porque eu não sou de ficar parado dentro de casa. Fico doente porque não tenho nada pra fazer, né? Pra mim montar um negócio já ta muito tarde. Chegando em casa eu ajudo a mulher. Ela faz uma coisa, eu faço outra. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Com a aposentadoria mudou o dinheiro que ficou pouco e a saúde que já estava fraca. (Sr. Geraldo, 72 anos, Grupo Reviver).

Com a aposentadoria senti falta dos amigos e do trabalho. O dinheiro diminuiu. (Sr. Euclides, 73 anos, Grupo Reviver).

Com a aposentadoria a gente fica impaciente. Parado. Só em casa, mas aí a gente falta a paciência, aí eu vou procurar andar, né? Aí eu ficar em casa só parado, não é boa coisa, (Sr. Antonio, 71 anos, Idoso da Comunidade).

Tinha mais vantagens quando trabalhava. Tem férias e quando se aposenta não tem. (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade).

Quando me aposentei, eu não me senti bem. Porque eu sou um profissional. Eu ganhava quatro salários. Eu era montador profissional. Aí levei um acidente, uma virada de carro e até hoje eu sou doente, aí me aposentaram e eu fiquei ganhando um salário mínimo. Eu não gosto de tá dentro de casa sem ter o que fazer. Desde pequeno que eu fui acostumado a trabalhar e a pessoa aposentado fica só dentro de casa. Não gosto não. (Sr. Josias, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Eu nunca pensei em minha vida chegar no ponto que eu estou hoje. Ter minha casa própria. Ajudar meus filhos e netos. E casei e nunca deixei de ajudar minha mãe!. (Sr. Jair, 70 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Aposentadoria. Não gostei muito. Você se sente inútil. Fiquei muito em casa acomodado. Quando saía com os colegas ia beber e a mulher não gostava muito. Agora eu participo do grupo Reviver e estou bem. Já tive até depressão quando me aposentei. (Sr. Ivanildo, 63 anos, idoso do Projeto Reviver).

Não mudou muito, só que comecei a fazer mais coisa em casa. E gostei, pois pude cuidar da saúde de minha esposa apesar de ter sido em vão, pois ela veio a falecer e fiquei muito triste e só. (Sr. João, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Constatamos, de acordo com Warner (1998, p. 56), que nesta fase com a chegada da aposentadoria, ocorreram várias perdas: as sociais, a financeira, as afetivas e o lugar de poder dentro da própria casa com os filhos crescidos e introduzindo nova ordem, novos valores e maneira de ser – tomando decisão e se fazendo centrais no papel decisório, antes assumido pelo idoso.

Nos relatos confirmamos o quanto a aposentadoria mexe com o idoso. Claro que estamos nos referindo ao aposentado urbano com características próprias e demanda diversa

daquele do campo que se aposenta e continua exercendo suas atividades na roça, além de contar com um salário certo todo mês. De acordo com a Teoria da Modernização, nas sociedades pré-industrializadas, o idoso adquiria “status” com a idade devido ao seu conhecimento e tradição cultural. E segue afirmando que, em algumas sociedades modernas, a cultura e a tradição passadas pelo idoso não são valorizadas.

Nossos aposentados sentem falta dos amigos e dos papéis desempenhados no trabalho. Procuram se ocupar em casa. E, quando estão sentido muita falta dos contatos sociais, “dão uma volta”. Os idosos que participam de grupos preenchem seu tempo com atividades socializantes o que contribui para reativar amizades e interesses. Em alguns verificamos orgulho por terem sobrevivido; possuem casa própria (marco de conquista); terem aposentadoria (uma renda fixa); conseguiram criar os filhos. O sentimento é de dever cumprido e sentem-se vitoriosos por terem chegado aonde chegaram. Na verdade são. Eles venceram muitas adversidades, principalmente, os idosos que entrevistamos. Foram os construtores de uma cidade, em uma região árida, com todas as características climáticas, próprias do interior nordestino, como já colocamos quando contextualizamos o cenário da pesquisa.

5. Mudanças no relacionamento por parte da família e como os idosos eram tratados

Carnegie (1990, p. 181), discorre sobre a importância do trabalho como norteador de respeito e status. Constatamos o orgulho dos entrevistados ao relatar o sacrifício passado em viagens extenuantes ou trabalhos insalubres para conseguirem sobreviver e criar seus filhos. É o papel de provedor imposto ao homem e ele se coloca nesse papel com orgulho, quando consegue sustentar sua família e, através de seu sacrifício, consegue mantê-la e criar os filhos.

Em várias falas fica claro o orgulho de ter conseguido dar conta de seu papel de “pai de família”. Também fica demonstrado como eram tratados antigamente o idoso – com respeito e consideração, mesmo quando se admite a inexistência de uma rede de proteção e assistência social e hoje quando “as coisas” estão melhores, mas a sociedade não respeita nem considera seus idosos como fica claro nas falas.

Sentem-se desvalorizados na atualidade. Admitem o desrespeito dos jovens e o afastamento destes no laço afetivo. Insistem em afirmar que os idosos antigamente exerciam seu papel, mesmo estando doentes e fragilizados o que não ocorre no momento.

Família respeitava o idoso, Naquele tempo médico era difícil. Assistência social não tinha. Hoje está melhor. (Sr. André, 61 anos, Grupo Reviver).

O idoso era tratado com muito respeito. Não é quem nem hoje. Tomava a benção a todos os mais velhos, né? Assistência não tinha. Não existia médico aqui. Parece que o pessoal de antigamente era mais forte. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Antigamente todo mundo trabalhava. Até as crianças. Emprego não existia nem para os jovens quanto mais para os velhos. Saúde a gente não tinha assistência. Morava em sítio e se curava com chás. Família respeitava muito o idoso. A gente se sentia seguro. Não tinha essa violência de hoje. Assistência social ninguém nem sabia o que era. Todo mundo trabalhava na roça, no gado e ajudando em casa. (Sr. Geraldo, 72 anos, Grupo Reviver).

Quando criança a família tratava mais dos idosos. Tinha mais respeito. Só não tinha luxo. Era tudo pobre. Os filhos eram muito educados com os pais. Não precisava de segurança. Ninguém ouvia falar nessa assistência social. (Sr. Euclides, 73 anos, Grupo Reviver).

O idoso era considerado mais do que agora. Porque agora o tratamento tá diferente. Desumanidade e miséria no mundo. O pessoal tinha mais consideração hoje é menor. A gente não respeitava só o idoso parente era todo o idoso. (Sr. Antonio, 71 anos, Idoso da Comunidade).

A família tratava o idoso melhor. Tinha mais respeito. Hoje não. Os pais criam os filhos e quando os pais ficam de idade eles não querem cuidar mais. Joga para o asilo. Na minha época não tinha filho que fizesse isso não. Hoje o idoso não pode nem sair pra receber seu dinheiro. Os cabras vão e toma, não tem nem respeito. Hoje tá fraco. Na época que eu era criança o idoso sofria muito. Não tinha benefício nenhum. Depois veio essa aposentadoria do Funrural aí melhorou cem por cento para o idoso. Hoje tá melhor. Os idosos no meu tempo sofriam muito na roça. (Sr. Lucas, 62 anos, Idoso da Comunidade).

Naquela época os idosos eram respeitados. Tinha respeito a eles. Não era que nem hoje não. Consideravam os velhos. (Sr. Valdemar, 75 anos, Idoso da Comunidade).

Era tratado com muito respeito, pois tinha disciplina, onde quando a gente passava por um idoso mesmo que não fosse parente tinha que dá a benção e se não fizesse isso quando chegava em casa era uma surra que tomava. E hoje é tratado com tamanho desrespeito e discriminado e não tem atenção. (Sr. João, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Antes tinha muito respeito quando uma criança passava por um idoso elas tinham que dá a benção e hoje os idosos são tratados pela maioria com uma falta de respeito. (Sr. Anchieta, 80 anos, idoso da Comunidade).

Não tinha aposentadoria. Os velhos morriam de fome. Nem sempre a família podia ajudar. Tinha que dá a benção. Todo velho era respeitado e a gente dava a benção. Não podia responder o que eles diziam. Agora os jovens até querem matar o pai. Não tratam bem. Não respeitam. O idoso fica lá sem ninguém falar com ele. (Sr. Jair, 70 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Quando nos referimos à forma como os idosos eram tratados antigamente todos foram unânimes em afirmar o respeito, a consideração dos filhos e de familiares para com os idosos, mesmo quando não tinham luxo e os serviços de saúde, assistência social eram precários. Atualmente, afirmam que os filhos não têm respeito pelos seus idosos e até querem se livrar deles. Confirmamos de acordo com Lepargneur (1997), a desvalorização dos idosos na era contemporânea.

Ressaltamos, no entanto, que o idoso da zona rural continua exercendo seu papel de poder, já que permanece com suas atividades, além de conquistar a aposentadoria pelo Funrural.

6. Percepção das mudanças e o que gostaria de fazer

Mesmo com os filhos grandes e tendo saído de casa, os idosos se sentem responsáveis e se preocupam com eles. Sua preocupação maior é que os filhos estariam com saúde, empregados e vivendo bem com seus cônjuges. Quando isso não ocorre, sempre é o idoso que irá ponderar, ajudar e acolher os filhos com seus filhos até que a situação se resolva.

Eu mudaria para unir mais meus filhos. Tem filhos que são intrigados. (Sr. André, 61 anos, Grupo Reviver).

Era montar um negócio e botar todo mundo pra trabalhar junto. (Sr. João, 64 anos, Grupo Reviver).

Se eu pudesse mudaria pra ter mais trabalho pra todo mundo. (Sr. Geraldo, 72 anos, Grupo Reviver).

Eu mudaria no sentido de dá mais conhecimento e dava pra eles uma coisa melhor. Uma coisa que tivesse fundamento. (Sr. Antonio, Idoso da Comunidade).

Só mudaria em questão de respeito. Na nossa família nunca brigariam uns com os outros. Era tudo unido. (Sr. Valdemar, 75 anos, Idoso da Comunidade).

Eu mudaria para meus filhos não beberem muito. Principalmente o mais novo. (Sr. Jair, 70 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Mudaria melhor o relacionamento dentro de casa, com o filho mais novo e com a mulher também. Ela é muito nervosa. Eu também tenho defeito. (Sr. Ivanildo, 63 anos, Idoso do Projeto Reviver).

Existem coisas que não se tem como falar e mudar, pois o meu desejo não será realizado, então prefiro não comentar. (Sr. João, 65 anos, Idoso da Comunidade).

Na fundamentação teórica, citamos Erickson (1950), com “As oito Idades do Ser Humano”, na qual a fase última seria caracterizada pela integração de todas as fases anteriores que foram vivenciadas. O indivíduo teria a oportunidade de ser um indivíduo completo. Essa fase abriria possibilidades da pessoa não se “perder no desespero” diante da avaliação de sua vida, quando percebesse que deixou passar as oportunidades, falhou, não lutou ou esqueceu seus projetos.

Na pesquisa realizada, não percebemos este movimento de integração e completude. Não vislumbramos maiores reflexões sobre a vida. As pessoas chegam à velhice e vão vivenciá-la como foram vivenciadas as etapas anteriores, em uma seqüência. Claro que há somatórios, o que fomos e o que conseguimos avançar anteriormente nos ajudam em etapas vindouras, no entanto, as pessoas apresentam um sentimento de continuidade.

Jung, na Teoria da Psicologia Analítica (citado por Néri, 2002), enfatiza a reflexão e a volta para si mesmo nesta etapa última, e afirma que serão usados os conhecimentos e a experiência para a comunidade e a própria humanidade. Não confirmamos esta teoria. Alguns entrevistados que participam do Projeto Reviver estão engajados em algum movimento comunitário, mas os idosos entrevistados da comunidade não participam de grupos ou movimentos voltados ao bem comum.

Daniel Levinson (citado por Néri, 2002), em sua teoria, enfatiza que nesta fase é comum a depressão decorrente das perdas e da valorização social que é atribuída ao jovem. Concordamos com ele quando constatamos no próprio grupo pesquisado a ênfase que alguns dão na importância de estarem ocupados no grupo.

Gordon (citado por Néri, 2002), abre um espaço em sua teoria para falar da teoria do luto e da tristeza nesta fase em conseqüências das perdas sofridas. Percebemos mais este

comportamento nos entrevistados da comunidade, não participantes de grupos de terceira idade.

Mais uma vez, o pesquisador e teórico Paul Baltes (citado por Néri, 2002), enfatiza a sabedoria no idoso. E, acrescentamos que em alguns idosos realmente percebemos esta capacidade. No entanto não é geral. Não constatamos maiores reflexões sobre as fases que passaram nem o momento atual. Encaram a vida como uma seqüência que todos terão que passar. Evitam falar em morte como um tabu cultural que é. Afinal, estão inseridos nesta cultura ocidental a qual não dá espaço para estas considerações.

O idoso, nessa fase, continua preocupado com os filhos e a família. Sonha em conseguir emprego para todos, em uni-los, em resolverem algum problema existente. Tira o foco de si mesmo e sempre fala da realização da família. Nenhum expressou seu desejo de realizações pessoais, tais como: viajar, aprender uma nova profissão, fundar uma organização, iniciar projetos esquecidos ao longo da vida. Vivem tanto em função do outro que esquecem seus projetos pessoais. A nosso ver, ele está reproduzindo, mais uma vez, o papel aprendido na família de origem, “um bom dono de casa se preocupa sempre com a família”. Essa cultura estabelecida limita a percepção do idoso, no sentido de se projetar em aventuras novas. Ele está, mais uma vez, aceitando os estereótipos culturais de que idoso não tem projetos nem sonhos pessoais.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa pudemos constatar que os idosos têm importância fundamental na família, seja através da transmissão de valores e de seu papel como conciliador, agregador como também do suporte financeiro nos momentos de crise.

Entre todos, o papel como provedor é enfatizado e esperado. A mulher continua desempenhando o papel de dona de casa, mesmo quando trabalha fora. A educação dos filhos é responsabilidade dela. O homem se preocupa com o sustento. Reproduz, através desses papéis, o modelo arcaico vindo de suas famílias de origem. A hierarquia se perpetua através dos tempos. Ao mesmo tempo em que questionam o papel dos pais, não sabem exercer um papel diferente do aprendido e se ressentem pelos filhos se negarem a manter tal postura.

Quando os filhos crescem, a percepção que o idoso tem é do “*dever cumprido*”, mesmo quando os filhos têm dificuldades e retornam ao lar, devido à falta de emprego ou por separações. Esse retorno ao lar é proporcionado pela disponibilidade do idoso em acolhê-los, não só afetiva como economicamente, já que têm a aposentadoria, uma renda certa para manter a todos. Ao longo deste trabalho enfatizamos esse novo papel do idoso e o resgate de seu “status” conquistado por intermédio de sua disposição em ser o apoio nesses momentos difíceis vividos por seus filhos e netos.

Constatamos que, entre todos os entrevistados, as companheiras eram mais novas e todos chegaram há muito tempo na cidade. Vieram de outras cidades, na época da implantação da CHESF, inclusive de estados diversos – Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Apresentam baixa escolaridade, ao inverso da maioria de seus filhos que tiveram acesso à universidade. Essa baixa escolaridade se deve ao fato de terem chegado jovens, na época da fundação da cidade e na implantação da CHESF, em busca de emprego. Quando conseguiram, não tiveram nem motivação, nem infra-estrutura adequada para continuar a estudar. Seu objetivo maior foi obtido com o emprego e a possibilidade de constituir família.

A percepção dos entrevistados, quanto ao bem-estar subjetivo, fundamenta-se nos seguintes fatos: terem onde morar, os filhos estarem criados, terem o que comer, estarem relativamente saudáveis (não acamados) e terem sobrevivido às adversidades da vida e chegado ao estágio atual. A vitória encontra-se em ter conseguido criar os filhos. Para eles, da

melhor maneira possível. Todos demonstraram satisfação com a chegada dos filhos, mesmo quando admitem a dificuldade para conseguirem o sustento e terem que se deslocar para outras cidades, a fim de conseguir mantê-los bem. O objetivo de terem criado os filhos apareceu em todos entrevistados, quando falam do orgulho do dever cumprido. Vemos que todos se referem às fases da vida como cumpridas – foram crianças, adultos responsáveis e são idosos vitoriosos porque, até hoje, os filhos encontram neles o porto seguro nos momentos de crise.

Referem-se ao tratamento dispensado aos idosos antigamente, como de muito respeito, mas reconhecem que não eram assistidos pelos serviços de saúde, assistência social nem pela previdência. O idoso era valorizado na família e na comunidade. Mas, quando se referem ao idoso atual, não se incluem e afirmam que, hoje, os idosos não detêm o mesmo respeito no seio da família, nem são considerados socialmente. Admitem a evolução nas políticas sociais e previdenciárias que vieram dar um melhor suporte ao idoso. Citam a aposentadoria como um valor adquirido e uma conquista alcançada. Inclusive, este fato contribui para analisarem a época atual como propícia ao idoso. Idealizam o tempo passado como de grande respeito ao idoso. São enfáticos, quando se referem ao tratamento dado aos idosos pelos jovens e colocam que “até pediam a bênção aos mais velhos mesmo sem ter parentesco”. Refletindo sobre essa afirmação nos questionamos se isso era feito por ser uma norma cultural imposta já que, nas próprias falas, eles disseram que o idoso morria de fome por não serem assistidos pelos projetos sociais e previdenciários de que se dispõe na atualidade.

Notamos que todos os idosos entrevistados vivenciaram as fases dentro do ciclo vital da família, sem grandes questionamentos, como fases naturais e próprias de cada um, sem conflitos, nem revoltas pelo peso das obrigações e dos papéis impostos e cobrados socialmente. Esses idosos vieram de famílias tradicionais onde cada um tinha seu papel definido e seguiam reproduzindo o modelo sem questionamentos. Foram filhos, são maridos, pais, avós e agora, na terceira idade, se comportam como o estabelecido.

A dificuldade enfrentada pelos jovens de ingressar no mercado de trabalho que proporcione independência aliado ao recebimento pelos idosos, de sua aposentadoria ou benefício são fatores que explicam a incidência de co-residência em uma boa parte dos entrevistados. A contribuição da renda do idoso no orçamento familiar é expressiva. Nesse caso, pode-se fazer uma relação entre dependência, arranjos familiares e condições de vida, onde a Previdência tem desempenhado papel importante. A partir dessas colocações, podemos

afirmar que, neste contexto, o papel do idoso passa a ser revalorizado dentro da família, possibilitando, também, uma troca de cuidados entre as gerações.

Do ponto de vista familiar, percebemos, por parte de alguns idosos entrevistados, insatisfação com os filhos no que diz respeito ao relacionamento familiar não ser tão harmonioso, como eles gostariam e queixas quanto ao alcoolismo de alguns filhos. É fato comprovado na cidade que há grande incidência de alcoolismo entre os jovens. Como já mencionamos anteriormente, houve volta dos filhos à casa paterna ou permanência destes em casa devido a dificuldades na inserção no mercado de trabalho. Foram enfatizados por todos a preocupação com os filhos e o investimento nos estudos, objetivando oportunizar uma melhor qualificação profissional e facilidade no ingresso ao mercado de trabalho.

Quando comparamos os dois grupos pesquisados, notamos diferenças fundamentais. Os idosos que estão inseridos socialmente se mantêm ativos, dinâmicos, desenvolvem atividades, criam laços, têm projetos. Esse comportamento se deve ao fato de estarem inseridos em um contexto que os incentiva a buscarem, além do ambiente propício, informação, troca de experiência, valorização e melhoria na auto-estima. Os idosos não participantes, que se aposentaram e permanecem em casa, sentem-se entediados, ociosos e apresentam mais queixas somáticas. Isto pode ser devido a se restringirem ao ambiente doméstico e, com isso, reduzirem os espaços de discussão, informação e conscientização de seus direitos e conquistas. Assumem a postura de inativos. Alguns ajudam nas atividades domésticas até como forma de ocuparem o tempo e se sentirem úteis.

Como enfatizamos na teoria, esses idosos vieram de outra época e ainda estão se familiarizando com as transformações sociais, familiares, econômicas e nas relações estabelecidas entre as gerações. Ressentem-se de alguns aspectos do passado que não permaneceram, ao mesmo tempo em que querem conquistas novas, próprias do momento atual. Gostariam do “respeito antigo” porém com as facilidades e alguma estabilidade financeira atual. Estão disponíveis para ajudar seus filhos, mas não querem abrir mão do seu papel de “chefe de família” e norteador do comportamento familiar. No entanto, apesar desses conflitos, vislumbramos uma flexibilidade ao aceitarem os novos arranjos e configurações familiares de seus filhos e estarem disponíveis nos momentos de crises, tanto econômicas quanto conjugais.

Esse trabalho contribuiu ao dar visibilidade a esses papéis e constatar o quanto o idoso está resgatando seu valor no momento atual. Resta aos profissionais da área divulgar e realizar

projetos que levem a sociedade a refletir, conscientizando-a e informando-a desse novo contexto, até para o próprio idoso incorporar sua importância social e familiar.

A sociedade precisa saber o quanto esse idoso é importante. Para isso, trabalhos precisam ser desenvolvidos pelos profissionais das áreas humanas e sociais, visando melhorar seu relacionamento interpessoal e mostrar sua importância no suporte e apoio à família.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro. Guanabara, 1981.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- BARROS, M.M.L. Velhice na contemporaneidade, In: (org) PEIXOTO, C.E. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- BEE, H. **O ciclo vital**. Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: 2ª edição. Editora Civilização Brasileira, 2000.
- BOSI, E, **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 2ª edição, São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CARNEGIE, D. **Cresça – não envelheça**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- CERVENY, C.M. de O e BERTHOUD, C. **Família e ciclo vital**, nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CORREIA, A.C. de O. **Envelhecimento, depressão e doença de Alzheimer**. Belo Horizonte: Health, 1996.
- DORAIS, M. **O homem desamparado** – crises masculinas: compreendê-las para enfrentá-las. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

DUPUIS, J. **Em nome do pai** – uma história da paternidade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

DIAS, C.M.S.B; SILVA, D.V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas: IN: T. FERREZ-CARNEIRO (org). **Casal e família**, entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, p. 118 a 149, 1999.

FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R, FRESNEDA, R. M, MARTINEX, J. I., ZAMARRÓN, M. D. **Qué es la psicología de la vejez**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1999.

FORTES, I., O sofrimento na cultura atual: hedonismo versus alteridade, In: JUNIOR, C. A. P. (org). **Formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

FOUCAULT, F., **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Grall, 1996.

FREITAS, E. V.; PY, L.; NÉRI, A. L.; GONÇALO, F. A. X.; GOZZONI, M. L.; ROCHA, S. M., **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 2002.

FREUD, S. **Mal estar na civilização**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JECKEL-NETO, E. A.; CUNHA, G.L. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V., PY, L.; GONÇALO, F. A. X.; GOZZONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, cap. II, p. 13-19, 2002.

JUNG, C.G. A dinâmica do inconsciente. In: **Obras completas de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, v. 8, 1991.

JÚNIOR, C. A. P. (org), **Formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

HAMILTON-STUART, I. **A psicologia do envelhecimento**: uma introdução. 3ª. edição. Porto Alegre: Artmed, 2002.

IBGE (2001). Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar. Disponível na Internet. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo>. Pesquisa em 22 de julho de 2005.

LEPARGNEUR, H. A terceira idade ontem, hoje, amanhã. **Revista O Mundo da Saúde**: envelhecer com saúde e dignidade. 21 (4), p. 246 –250, São Paulo, 1997.

MAIA, M. S. A máquina de expressão; corpo, subjetivação e clínica psicanalítica, In: JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto (org), **Formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 137, 2004.

MEDEIROS, S. A. R. O lugar do velho no contexto familiar. In: (org) PY, L., PACHECO, J. L., SÁ, J. L. M., GOLDMAN, S. N. **Tempo de envelhecer** – Percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro, Nau Editora, cap. 8, p. 190-230, 2004.

MCGOLDRICK, M., CARTER, B. e Colaboradores. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORAGAS, R. **Gerontologia Social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

NERI, A. L. Teorias psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V., PY, L., NERI, A.L., GONÇALO, F.A.X., GORZONI, M. L., ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S.A., p. 32-46, 2002.

NERI, A. L. (org). **Maturidade e Velhice** – trajetórias individuais e socioculturais. Campinas, São Paulo: Papyrus, Coleção Vivaidade, 2001.

NETTO, M. P, O estudo da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V., PY, L., NERI, A. L., GONÇALO, F. A. X., GOZZONI, M. L., ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, p. 2-12, 2002.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 42-152, 1995.

OLIVEIRA, P. S. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia**. Série Brasil. São Paulo: Editora Ática, 25ª Edição, 2004.

OLIVEIRA, R. de C. da S. **Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis**. São Paulo: Paulinas, Coleção Terceira Idade, 1999.

PEIXOTO, C.E. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

PARSEVAL, C. D. **A parte do pai**. São Paulo: L & PM, 1987.

RAMOS, M. Novas parcerias, novos conflitos. In: GOMES, Purificacion Barcia (org). **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis Editora Ltda, p. 57-75, 2003.

ROCHA-COUTINHO, M. L.. O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? **Psicologia Clínica** (Casal e família: da violência às novas configurações familiares), vol. 15, nº 2, p. 93- 107, 2003.

SALGADO, M. Velhice: uma questão social. **Revista A Terceira Idade**. SESC, São Paulo. 1999.

SATHLER, J., PY, L.. Pensando perdas e aquisições no processo de envelhecer: o trabalho psíquico. In: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG. **Caminhos do envelhecer**. Rio de Janeiro: Ressentir, p.16-21, 1994.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença, In: SILVA, Tomaz Tadeu (org), HALL, Stuart, WOODWARD, Hathryn. **Identidade e Diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, p. 73-102, 2000.

SIMÕES, E. A. Q. FIEDEMANN, K. B. **Temas básicos de psicologia** (coordenadora: Clara Regina Rappaport), vol. 10-11, São Paulo: EPU, 1985.

SIMÕES, J. A. Provedores e militantes: imagens de homens aposentado na família e na vida pública, In: Clarice E. P. (org). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, p. 52, 2004.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento, In: NERI, A. L. (org), **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas. São Paulo: Papyrus, (coleção vivacidade), p. 73-110, 2001.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento, In: FREITAS, E. V., PY, L, NERI, A.L., GONÇALO, F.A.X, GORZONI, M.L., ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S.A., 2002;

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. In: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 19, nº 3, p. 849-853, 2003.

WARNER, E. M. A contribuição da psicologia no campo da gerontologia social. **Revista SESC (A terceira Idade)**, ano X, nº 13, p. 47-60, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, p. 17-72, 2000.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. IDENTIFICAÇÃO:

IDADE:

COR:

ESCOLARIDADE:

ESTADO CIVIL:

RELIGIÃO:

NACIONALIDADE:

NATURALIDADE:

2. DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

2.1 O senhor reside em casa própria?

Sim:

Não:

2.2 Quais os eletrodomésticos que o senhor possui em sua casa?

TV

Som

Máquina de lavar

Refrigerador

Computador

Filmadora

Ar-condicionado

Ventiladores

2.3 O senhor possui carro?

Sim:

Não:

3. PROCEDÊNCIA:

3.1 Há quanto tempo reside na cidade?

3.2 Ocupação (antes da aposentadoria)

23 Outras habilidades

4. SITUAÇÃO ECONÔMICA

4.1 É aposentado?

4.2 Tem outros tipos de renda? Quais?

5. RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

5.1 Reside com quem?

5.2 Tem parente? Quais e quantos?

5.3 Tem amigos?

5.4 Recebe sempre visita ou visita seus parentes e amigos?

6. PAPEL NO CONTEXTO FAMILIAR.

6.1 Como o senhor viveu a fase inicial do casamento?

- Como era seu relacionamento com sua esposa?
- Ela trabalhava ou veio a trabalhar fora?

6.2 E quando os filhos chegaram? Como foi?

- O Senhor ajudava na criação deles? Como?
- O Senhor brincava com eles?
- Levava ele na escola?
- E quanto aos castigos e conselhos?

6.3 E quando os filhos cresceram o que mudou?

- Como o Senhor viveu a saída dos filhos de casa?
- E quando chegaram os netos, como o senhor se sentiu?
- O Senhor se ocupava deles? Como?

6.4 O que o senhor sentiu com a aposentadoria? O que mudou em relação a:

- casamento, filhos, saúde, amigos, lazer, dinheiro

6.5 E agora nesta fase de sua vida como as coisas estão?

6.6 A maneira de sua família lhe tratar mudou ao longo dos anos? Como? Por quê?

- Do ponto de vista da mulher, dos filhos, dos genros e noras, dos netos, da sociedade.

6.7 Como os idosos eram tratados quando o senhor era criança? E agora como são tratados?

- em relação à saúde, família, emprego, filhos, segurança, assistência social.

6.8 Caso o senhor tivesse chance o que mudaria em sua família?

ANEXO II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Tema da Pesquisa: HOMEM IDOSO: VIVÊNCIA DE PAPÉIS DURANTE O CICLO VITAL DA FAMÍLIA

Pesquisadora Responsável: Ivanilza Etelvina dos Santos

Pelo presente instrumento particular, o signatário autoriza, por livre e espontânea vontade, a realização de entrevista para fins de pesquisa.

A entrevista será gravada, sendo garantido ao entrevistado total sigilo, não havendo identificação do mesmo.

Poderá o entrevistado, a qualquer tempo, requerer da entrevistadora a transcrição integral de sua entrevista, se assim o desejar.

Os resultados da pesquisa serão de domínio público e estarão acessíveis ao entrevistado através da dissertação de Mestrado e/ou através de sua divulgação em eventos científicos pertinentes.

No âmbito da presente pesquisa o entrevistado participa na qualidade de participante não possuindo nenhum tipo de responsabilidade sobre a mesma.

Fica esclarecido ainda que não poderá o entrevistado reclamar qualquer direito, autoral ou material, sobre o resultado final da pesquisa ou obra literária que dela venha resultar.

Assim, de pleno acordo com as condições acima expostas, o participante expressa sua concordância firmando o presente para fins jurídicos e legais efetivos.

Paulo Afonso, de _____ de 2005.
resente,

APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

ANEXO III



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004

Recife, 07 de dezembro de 2004.

PARECER CEP Nº 132/2004

O Comitê, em reunião do dia 07 de dezembro de 2004, considerou **APROVADO**, o projeto de nº **CEP 124/2004**, intitulado:

Homem idoso: vivência de papéis durante o ciclo vital da família, que tem, como pesquisador(a) principal:

Prof(a) Dr.(a) **Cristina Maria de Souza Brito Dias**

RESUMO DO PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração do Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar a UNICAP/PROPESP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP

Profa. Dra. Armanda Saconi Messias
Coordenadora de Pesquisa

ANEXOS IV

QUADRO 1 – DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DOS IDOSOS DA COMUNIDADE (1)

RESPONDENTE TEMAS	1. ANTONIO	2. LUCAS	3. JOSIAS
Idade	71	62	65
Escolaridade	4ª série	4ª série	1ª série
Religião	Católica	Católica	Católica
Cor	Branco	Negro	Negro
Estado Civil	Divorciado/casado	Casado	Casado
Nº de Filhos	3(1º casam)+6(2º casam)	3 filhos	01 filho
Naturalidade	Imbimirim/PE	Pesqueira/PE	Monteiro/PB
Casa Própria	Sim	Sim	Sim
Eletrodomésticos	TV, som, máquina de lavar, refrigerador, ventiladores, não possui carro	TV, som, computador, ventiladores, carro, refrigerador	TV, som, refrigerador, ventiladores e máquina de costura
Tempo na cidade	Desde 68 pra cá. Há 37 anos.	Desde 68. Há 37 anos.	Desde 62. Há 43 anos.
Ocupação antes da Aposentadoria	Negociante na Praça São Cristóvão (Arcoverde)	Topografia, armador, pedreiro e perfurador.	Montador
Outras Habilidades	Agricultor	Não tenho	Encanador
Outras Rendas	Não	Ajudo a mulher	Não
Reside com:	Esposa e 4 filhos. Ao todo são 6 filhos.	Esposa e três filhos.	Esposa, filha e três netos.
Contatos com parentes e amigos	Uma sobrinha e amigos	Sim	Sim
Visitas	Recebo de parentes e amigos.	Sim.	Sim.

QUADRO 1 – DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DOS IDOSOS DA COMUNIDADE (2)

RESPONDENTE TEMAS	4. VALDEMAR	5. JOÃO	6. ANCHIETA
Idade	75	65	80
Escolaridade	1ª série	2ª série	3ª série
Religião	Evangélica	Católico	Católico
Cor	Branco	branco	Moreno claro
Estado Civil	Viúvo	Casado	Viúvo
Nº de Filhos	01 filho	7 filhos	10 filhos
Naturalidade	Sorossó/BA	Patos/PB	Jeremoabo/BA
Casa Própria	Sim	Sim	Sim
Eletrodomésticos	TV, som, ventilador, refrigerador	TV, som, maquina de lavar,refrigerador, ventiladores, carro.	TV, som, refrigerador, computador, ar-condicionado, ventiladores, carro.
Tempo na cidade	Desde 85 quando vim de São Paulo. Há 20 anos.	35 anos, antes morava em Jabitoca/PE	58 anos
Ocupação antes da Aposentadoria	Trabalhei em plástico, polimento, em fábrica de bicicleta, clínica.	Motorista da CHESF durante 27 anos.	Chefe de trânsito
Outras Habilidades	Nenhuma	Nenhuma	Pedreiro, músico.
Outras Rendas	Não	Não	Sim. Renda da Apochesf
Reside com:	Sozinho.	Reside com 2ª esposa e filho	Reside com um filho, uma nora e uma neta.
Contatos com parentes e amigos	Uma filha e alguns amigos.	Tenho. Irmão, primos e sobrinhos.	Sim. Quatro filhos, 13 netos
Visitas	Recebo da minha filha.	Sim.Época de festa vem parentes de outras cidades: PE e PB.	Só da família.

QUADRO 2 – APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DAS ENTREVISTAS (IDOSOS DA COMUNIDADE) (1)

RESPONDENTE TEMAS	1. ANTONIO	2. LUCAS	3. JOSIAS
Fase inicial do casamento	Casou a 1ª vez, separei após 10 anos. 2º casamento até hoje. Relacionamento normal.	Foi boa. Toda vida a gente se deu bem.	A gente se gostava muito. Morei com meu pai depois é que a gente foi morar junto sozinho.
Esposa trabalhava fora?	Trabalha como costureira em casa.	Ela trabalhou na feira. Hoje ela vende queijo.	Não só em casa.
Chegada dos filhos	Normal. Tudo bem. Ajudava pouco. Eu vivia trabalhando. Tive 3 filhos do 1º casamento e 6 do 2º	Mais difícil. Pagava aluguel e ganhava pouco. Ajudava na criação dos filhos no que podia. Quando estava em casa.	Ficamos todos alegres e fomos cuidar deles. Ficou melhor. Deu mais alegria.. Não ajudei muito na criação deles, tinha que trabalhar.
Estratégias de Educação	Dava castigo mas era mais conselho.	Eu conversava com eles. Não precisou dá castigo	Reclamava e dava conselhos.
Crescimento dos filhos	Alguns moram perto e tenho netos. Cada um cuida de si.	Dá mais cuidado. Quer ir pras festas. A gente fica com cuidado. São solteiros e estão em casa.	Uma menina. Dá mais cuidado é difícil um rapaz de responsabilidade..
Saída dos filhos	Muita falta mas a gente fica recomendando eles a Deus.	Eles ainda moram comigo.	Vive com a gente em casa e vai sai. A gente não acha bom. Mas depois voltou e vive com a gente.
O que mudou com aposentadoria	No relacionamento não. A gente fica impaciente de não fazer nada.	O dinheiro fica mais pouco. O bom é que a gente fica em casa.	Não me senti bem. Passei a ganhar menos.
Momento atual	Normal.. Não to achando muito bom. Em casa escuto muita agitação.	Está bom. Saúde piorou e os amigos eram mais. Antes o dinheiro rendia mais. Hoje é tudo muito caro.	Não gosto de estar dentro de casa sem ter o que fazer. Aposentadoria piorou.
Mudanças no relacionamento por parte da família	Antes trabalhava e não me chateava em casa.	Não. Continua me tratando do mesmo jeito	Não mudou. A saúde piorou.
Como os idosos eram tratados socialmente	Com mais respeito. Atualmente desumanidade, miséria.	Tinha mais respeito. Hoje não. Os filhos não querem saber dos pais.	Com respeito. Um menino via um idoso e tomava a benção.
O que mudaria na família se pudesse	Dava pra eles uma coisa melhor.	Nada. Está ótimo.	Nada

QUADRO 2 – APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DAS ENTREVISTAS (IDOSOS DA COMUNIDADE) (2)

RESPONDENTE TEMAS	4. VALDEMAR	5. JOÃO	6. ANCHIETA
Fase inicial do casamento	Uma maravilha. Não tinha coisa melhor não. Era uma mãe.	Muito bom com relação a sossego. Vida financeira difícil. No início morava na casa dos outros.	Foi um pouco complicado, pois tinha que morar em casa alugada. Foram 53 anos de muito amor e sem discussão.
Esposa trabalhava fora?	Trabalhava fora no início do casamento, depois deixou.	Não.	Não tinha necessidade de trabalhara e naquela época mulher não trabalhava.
Chegada dos filhos	Num tem igual não. Eu ajudei na criação, buscava na escola.	Foi com alegria. Não tinha tempo de brincar. Às vezes eu levava na escola.	Era sempre muita alegria. Quando eu olhava para o quarto cheio de criança e dizia: “quando vou ver meus filhos grandes”.
Estratégias de Educação	Ela sempre foi uma pessoa que não precisou apanhar.	Não dava neles a mulher era que educava.	Castigo era um bolo com a palmatória e não podia sair de casa. Brincava quando chegava do trabalho até a hora do jantar.
Crescimento dos filhos	Mudou nada não. Ela continua obediente.	Não quis responder. Percebemos bastante atritos familiares. O filho que reside com ele não se dá com a madrasta,.	Todos foram muito obedientes não deram muito trabalho. Quando saiam ficava muito preocupado.
Saída dos filhos	Quando ela saiu de casa foi um horror. Por que eu fiquei só, né?	Saíram mas residem perto e tenho um filho ainda comigo.	Ficou um vazio, mas como dizem: “quem casa quer casa”. Mas nos fins de semana eles sempre vêm para casa.
O que mudou com aposentadoria	Com um ano foi jóia. Depois o salário foi diminuindo.	Só fico em casa ajudando a mulher. Às vezes saí para tomar banho de rio. E jogo dominó com os amigos.	Foi muito bom, pois recebi muito dinheiro, porem com a inflação este dinheiro diminuiu.
Momento atual	Bom. Graças a Deus. Não me falta nada não.	A vida não é ótima mas também não é ruim. Eu diria que está razoável, pois tenho como me manter e minha família.	Esta melhor, pois tenho meus filhos criados e dono de seus próprios lares. Como não encontro uma mulher como a primeira fico sozinho.
Mudanças no relacionamento por parte da família	Ta tudo igual. Aqui só tenho uma filha. O resto da família ta tudo no sertão.	Meu relacionamento com eles sempre foi ótimo, mas claro que tem alguns que nem sempre faz as coisas de forma correta e chateia a gente.	Todos continuam me tratando com respeito.
Como os idosos eram tratados antigamente	Com respeito. A maior atenção e consideração.	Era tratado com muito respeito, pois tinha disciplina. Quando a gente passava por um idoso mesmo que não fosse parente tinha que dá a benção. Hoje é tratado com tamanho desrespeito.	Antes tinha muito respeito, as crianças tinham que tomar a benza aos mais velhos. Hoje os idosos são tratados com falta de respeito.
O que mudaria na família se pudesse	Deixa como está mesmo.	Não sei o que mudaria. Tem coisas que não tem como falar, pois o meu desejo não será realizado	Não mudaria nada.

QUADRO 3- DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DOS IDOSOS DO PROJETO REVIVER (1)

RESPONDENTE	1. ANDRÉ	2. JOÃO	3. GERALDO
TEMAS			
Idade	61	64	72
Escolaridade	5ªsérie	5ªsérie	1ªsérie
Religião	Católico	Católico	Católico
Cor	Branco	Branco	Branco
Estado civil	Casado	Casado	Viúvo. Casei outra vez.
Nº de Filhos	7 filhos	01 filho	7 filhos
Naturalidade	Pedras/PE	Glória/BA	Delmiro Gouveia/AL
Casa própria	Sim	Tenho residência própria	Sim
Eletrodomésticos	Tv, som, refrigerador, ventiladores.	Tv, som, máquina de lavar, refrigerador, ar-condicionado, ventiladores, carro.	Tv, som, máquina de lavar, refrigerador, computador e ventilador.
Tempo na cidade	32 anos	2 anos. Residia em Itaparica	Mais ou menos 55 anos
Ocupação antes da aposentadoria	Marceneiro	Comerciante	Mercearia
Outras habilidades	Trabalho na roça.	Nenhuma	Roça e criação de gado
Outras rendas	Tenho. Como Marceneiro.	Atualmente não	Sim. Como marceneiro
Reside com:	Esposa, 1 filha e 2 netos.	Só eu e minha esposa	Esposa. Filho dela e neto dela.
Contatos com parentes e Amigos	Na cidade só tenho amigos. Parentes não.	Têm muitos	Tinha um irmão que faleceu. Tenho primos. Amigos eu tenho muito.
Visitas	É difícil receber alguém em casa.	Recebo e visito também.	Sempre me visitam.

QUADRO 3- DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DOS IDOSOS DO PROJETO REVIVER (2)

RESPONDENTE	4. EUCLIDES	5. JAIR	6. IVANILDO
TEMAS			
Idade	73	70	63
Escolaridade	5ª série	1ª série primária	3º grau (Engenheiro)
Religião	Católico	Católica	Católica
Cor	Branco	Preta	Branca
Estado civil	Casado	Casado	Casado
Nº de Filhos	11 filhos	07 filhos morreram 2 novas	02 filhos
Naturalidade	Mata Grande – AL	Serra Talhada - PE	Paraíba
Casa própria	Sim	Sim	Sim
Eletrodomésticos	Tv, som, refrigerador e ventilador.	Tv, som, máquina de lavar, refrigerador, ventilador e carro.	Tv, som, refrigerador, computador, ventilador e carro.
Tempo na cidade	45 anos	29 anos	13 anos.
Ocupação antes da aposentadoria	Trabalhei em São Paulo como metalúrgico. E na CHESF como perfurador de poços.	Eletricista da CHESF	Engenheiro mecânico.
Outras habilidades	Não	Não	Não.
Outras rendas	Só a ajuda dos filhos	Sim. Complementação da aposentadoria pela FACHESF	Terras na Paraíba.
Reside com:	Esposa. Criei um neto que foi p/Salvador.	Esposa, filha e um filho que casou, separou-se e voltou para casa.	Esposa e 1 filho.
Contatos com parentes e Amigos	Filhos e umas primas. Amigos eu tenho muito.	Filhos e sobrinhas.	Só dois cunhados.
Visitas	Sim. Sou visitado e visito.	Sim.	Muito, principalmente do grupo Reviver.

QUADRO 4 – APRESENTAÇÃO SUMARIZADA DAS ENTREVISTAS (PROJETO REVIVER) (1)

RESPONDENTE TEMAS	1. ANDRÉ	2. JOÃO	3. GERALDO
Fase inicial do casamento	Foi boa. Eu queria viver como solteiro, mas depois eu parei.	Me casei duas vezes. A primeira morreu depois do parto. No início é tudo difícil. Com a segunda foi mais fácil porque já tinha tudo estruturado.	Casei duas vezes. A primeira como pobre foi bom. A segunda foi bom o relacionamento.
Esposa trabalhava fora?	Trabalhou como costureira.	Trabalhava na CHESF. Se aposentou há pouco tempo.	Trabalhava como costureira.
Chegada dos filhos	Pesou mais. Tive que sair da cidade pra poder criar eles. Eu não tinha tempo para eles.	Só tive o da primeira esposa que nasceu lá em São Paulo quando cheguei aqui tinha menos recursos.	Foi bom. Ajudei na criação deles.
Estratégias de educação	Castigo dava. Bati só duas vezes. Não teve jeito.	Não dava castigos. A professora quando reclamava eu dizia: Lá em casa eu mando mas aqui vocês é quem resolve.	Eu brigava e castigava quando precisava.
Crescimento dos filhos	Quase que não mudou. Não tem nenhum solteiro.	A gente se esforçou muito pra ele poder se formar.	Solidão, mas eles estão bem.
Saída deles	Senti falta. A casa ficou vazia.	Era muita saudade e despesa também. Paramos a construção da casa para ele terminar os estudos.	A casa ficou grande. Senti saudades.
O que mudou com a aposentadoria	Fiquei feliz. Os filhos me ajudam.	Não mudou muita coisa não. Eu não fico parado. A mulher faz uma coisa e eu faço outra.	Me aposentei depois de uma doença em relação a dinheiro ficou fraco.
Momento atual	O dinheiro ta melhor e me tratam melhor que antes.	Pra vista de muitos ta bem. Graças a Deus. Eu gosto de sair de casa e encontrar com os amigos.	Não tenho o que reclamar.
Mudanças no relacionamento por parte da família	Me tratam melhor.	Não. Mudou nada não.	Continua me tratando do mesmo jeito.
Como os idosos eram tratados socialmente	Os idosos não tinham muito carinho.	Muito respeito. Não era que nem hoje.	Família respeitava muito o idoso.
O que mudaria na família se pudesse	Unir meus filhos que são intrigados.	Montaria um negócio pra botar todo mundo pra trabalhar junto.	Pra ter mais trabalho pra todo mundo.

QUADRO 4 – APRESENTAÇÃO SUMARIZADA DAS ENTREVISTAS (PROJETO REVIVER) (2)

RESPONDENTE TEMAS	4. EUCLIDES	5. JAIR	6. IVANILDO
Fase inicial do casamento	Foi boa.	Foi uma bagunça. Casei numa quarta-feira de cinzas morto de cansado, pois trabalhava muito, viajando. Passei 4 meses longe dela. longe da esposa. sem vê-la.	No início tudo é bom. Comecei com casa alugada.
Esposa trabalhava fora?	Não	Não.	Trabalhava como professora do estado.
Chegada dos filhos	Foi boa. Ensinei eles a respeitar a professora. Apesar do sacrifício foi boa. Levava na escola, brincava com eles.	Eu viajava muito pra dar de comer a eles.	Foi bom.
Estratégias de educação	Sentava e conversava com eles. Nunca bati.	Eles ficavam a maior parte do tempo com a mãe e eu viajando.	Eu trabalhava muito e não tinha tempo para eles.
Crescimento dos filhos	Cada um procurou uma atividade.	Eles foram estudar. Só tem um que não ta empregado.	Mudou pra pior. Esses jovens são difíceis. Eles acham que são certos em tudo.
Saída deles	Senti falta, mas cada um precisa seguir seu rumo.	A casa ficou muito vazia, mas ainda moro com uma e tem um filho que mora perto que eu faço café toma manhã e levo pra ele e mulher.	Só o mais velho saiu para estudar. O mais novo esta em casa e vivo brigando com ele que bebe muito.
O que mudou com a aposentadoria	Senti falta dos amigos e do trabalho e o dinheiro diminuiu.	Não mudou muito, pois todos moram perto. Com alguns tenho contato todos os dias.	Não gostei muito você se sente inútil. Fiquei muito em casa e quando saia era pra beber e a mulher na gostava muito.
Momento atual	Está bem. Sempre aparece alguma coisa pra fazer porque sou eletricitista.	Eu nunca pensei que minha vida chegou no ponto que chegou hoje. Ter minha casa própria. Ajudar meus filhos e netos. Casei e nunca deixei de ajudar minha mãe.	Agente fica muito em casa e a mulher reclama. Tive depressão e agora vim participar do grupo. To melhor.
Mudanças no relacionamento por parte da família	Continua me tratando do mesmo jeito.	Mudou pra melhor. Eles cuidam mais de mim.	Agente fica muito em casa e a mulher bota para reclamar. Os filhos acham que eu devia continuar trabalhando.
Como os idosos eram tratados socialmente	Tinha mais respeito, só não tinha luxo.	Não tinha aposentadoria. Os velhos morriam de fome. Todo velho era respeitado e agente dava a benção. Não podia responder o que eles diziam. Agora os jovens até querem matar o pai.	Tinha um tratamento melhor eram mais respeitados. Eles tinham mais valor.
O que mudaria na família se pudesse	Ajudaria mais do que fiz.	Pra meus filhos não beberem muito principalmente o mais novo.	Mudaria o relacionamento familiar para melhor. Principalmente com minha mulher e meu filho mais novo.